



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

**INGRID NASCIMENTO FERNANDES**

**ORAÇÕES RELATIVAS EM YAATHE**

**CAMPINAS**

**2022**

**INGRID NASCIMENTO FERNANDES**

**ORAÇÕES RELATIVAS EM YAATHE**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas para obtenção do título de Mestra em Linguística.**

**Orientador(a): Profa. Dra. Maria Filomena Spatti Sandalo**

**Este exemplar corresponde à versão final da dissertação defendida pela aluna Ingrid Nascimento Fernandes, orientada pela Profa. Dra. Maria Filomena Spatti Sandalo.**

**CAMPINAS**

**2022**

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas  
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem  
Tiago Pereira Nocera - CRB 8/10468

F391o Fernandes, Ingrid Nascimento, 1993-  
Orações relativas em yaathe / Ingrid Nascimento Fernandes. – Campinas, SP : [s.n.], 2022.

Orientador: Maria Filomena Spatti Sandalo.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem.

1. Orações relativas. 2. Língua yaathe. 3. Nominalização. 4. Tronco linguístico Macro-Jê. I. Sandalo, Maria Filomena Spatti, 1965--. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações Complementares

**Título em outro idioma:** Relative clauses in yaathe

**Palavras-chave em inglês:**

Relative clauses

Yaathe language

Nominalization

Linguistic trunk macro-jê

**Área de concentração:** Linguística

**Titulação:** Mestra em Linguística

**Banca examinadora:**

Maria Filomena Spatti Sandalo [Orientador]

Luciana Raccanello Storto

Karin Camolese Vivanco

**Data de defesa:** 30-09-2022

**Programa de Pós-Graduação:** Linguística

**Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)**

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-4683-7271>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/6916422155375637>



**BANCA EXAMINADORA:**

**Maria Filomena Spatti Sândalo**

**Luciana Raccanello Storto**

**Karin Camolese Vivanco**

**IEL/UNICAMP  
2022**

**Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.**

*Für Sophia und Santi*

## AGRADECIMENTOS

Meus mais valiosos agradecimentos são dedicados aos Fulni-ô e, sobretudo, ao seu Francisco e seu Iraldo. Este trabalho é nosso (resguardada a minha autoria quanto a toda e qualquer falha). Eu aprendi muito com vocês. Obrigada por partilhar sua língua materna e sagrada comigo. Obrigada pela paciência com uma pesquisadora inexperiente. Obrigada por fazer este trabalho possível.

À minha orientadora, Filomena Sandalo, que tem a experiência, a intuição e a disposição naturais para pesquisa. Ela me orientou e deu autonomia nas medidas certas e teve sabedoria e tranquilidade para guiar pesquisa mesmo num contexto tão atípico como o da pandemia de Covid-19. E, embora não tenhamos proximidade fora do âmbito acadêmico, passei a admirá-la também como mãe. Obrigada pela compreensão no processo de realização da nossa pesquisa, que coincidiu com uma fase de muitas mudanças na minha vida.

À Fábيا Fulni-ô, que foi uma ponte entre mim e os falantes de yaathe entrevistados. E, além disso, ela se dispôs a entender minha pesquisa, discutir um pouco dos dados, dando o toque do seu olhar e sugestões. É muito gratificante saber que existe um espaço de interlocução entre nós pesquisadores interessados em um mesmo bem comum, as línguas brasileiras.

Agradeço aos professores da minha banca de defesa e qualificação. Às professoras Luciana Storto e Karin Vivanco e aos professores Aquiles Tescari e Juanito Avelar. Obrigada por lerem meu texto e contribuírem para o seu amadurecimento. Nessa história de pesquisa, nossos leitores são os que nos tomam mais a sério, fazendo uma tremenda diferença para o resultado final do nosso texto.

Agradeço aos professores do Programa de Pós-graduação em Linguística do IEL e ao pessoal da coordenação, sobretudo ao Cláudio e a Rosemeire, que me tiraram dúvidas e me orientaram em várias questões burocráticas. Obrigada pela paciência. Agradeço também às meninas do GEMPhi: Willi, Juliana, Thuany, Aline, Raíssa, Letícia e todas as demais.

Agradeço àqueles que estavam lá no princípio, quando a pesquisa em linguística se iniciou na minha vida. À Malu, minha primeira e eterna orientadora. Aos professores e amigos que fiz na UFPE. Vocês são inesquecíveis.

Eu realizei minha pesquisa e escrevi esta dissertação enquanto gestava e exterogestava minha filha. Só quem é mãe sabe o absurdo que é conciliar a maternidade e o trabalho, seja

acadêmico ou qualquer outro. Sendo assim, concluir o mestrado não seria possível sem um apoio monumental.

Nesse sentido, meu primeiro agradecimento vai para o Santiago. Eu não tenho nem como pôr em palavras o que tem sido essa grande aventura ao teu lado, o que continuamente chamamos de a melhor fase das nossas vidas. Muito obrigada pelo apoio resiliente e amoroso. Muito obrigada por realçar o melhor de mim e me dar o melhor presente do universo.

À Soledad, que me apoiou e trouxe palavras doces e pacíficas num momento de muitas dificuldades e mudanças. Ela segurou a minha filha para eu concluir esta dissertação (e porque, para a *abuelita*, era puro deleite). Obrigada também por compartilhar leveza, sabedoria e boas memórias com a gente naqueles dias em Campinas. Obrigada pela presença verdadeira e respeitosa.

Obrigada à minha mãe Luciana, o primeiro grande amor da minha vida, meu modelo de força e coragem. Muito obrigada pelo seu apoio constante e inabalável e por se fazer sempre presente mesmo à distância. Ao meu pai Cláudio, um grande amigo, um modelo de amorosidade e tranquilidade, ele me ensina todos os dias que as dificuldades devem ser resolvidas sem apereio. Aos meus irmãos Claudinho, JV e Gui, que são doces, que são minha maior saudade no dia a dia e que sempre me recebem com um carinho infinito quando nos reencontramos. À minha madrinha Andréa e à minha avó Luísa, que além de serem como mães para mim, estavam aqui comigo num dos momentos mais marcantes da minha vida. Minha família, tudo começa em vocês e com o apoio de vocês. Obrigada por acreditarem e confiarem em mim.

Gostaria de agradecer a algumas pessoas (sobretudo mulheres) que, por compaixão ou entendimento, não se ausentaram e foram parte da minha força. Muito obrigada à Maria Helena, que segue firme e forte em minha vida e agora na vida da minha família. Te amamos! Obrigada por tudo, Glória. Você é uma amiga-irmã muito preciosa cuja amizade eu espero sempre honrar e ter para sempre comigo. À Duda e à Paula, por colarem em vários perrengues com o Lucas e o Renan (obrigada também). Eu não sei o que teria sido sem vocês. Dudinha, obrigada por dedicar tanto amor à minha filha, o meu coração transborda. Obrigada à Juliana, à Fran e à Olívia. Vocês foram muito importantes numa etapa tão única.

A todo mundo que ficou junto e que foi rede de apoio de alguma maneira, meu muito obrigada.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior -Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), pela outorga do processo nº 2020/09450-2, concedendo o apoio financeiro integral e tão necessário para que esta dissertação pudesse ser devidamente desenvolvida.

## RESUMO

O objetivo desta dissertação é aprofundar o conhecimento sobre as subordinações da língua yaathe (Família Yaathe, Tronco MACRO-JÊ), falada pelos Fulni-ô, que estão em Águas-Belas-PE. Para tanto, elaboramos uma descrição das suas orações relativas restritivas e elementos relativos. Além disso, ao final propusemos uma análise sintática para esse tipo de construção. Utilizamos como base teórica o trabalho tipológico e a Análise de Promoção Antissimétrica de De Vries (200), a proposta de Baker (2011) para orações incorporadas nominalizadas do Sakha e a proposta de Vivanco (2018) e Vivanco (2022, no prelo) para as orações relativas do karitiana (Tupi). A metodologia consistiu na elicitação linguística guiada por contexto experimental, inspirada em Vivanco (2014), bem como na aplicação de questionários para testar a aceitabilidade de determinadas construções. O yaathe apresenta dois afixos relativos nominalizadores, o *-ho* e o *-doa*. *-ho* não é permitido em orações relativas de objeto e sujeito intransitivo, revelando um alinhamento ergativo nessas subordinações. A língua possui também pronomes resumptivos, *tade* e *take*, que ocorrem apenas em orações relativas de objeto indireto. Percebemos que, semelhantemente ao karitiana, o yaathe apresenta orações relativas de núcleo interno, o qual sofre alçamento opcionalmente. Ademais, em termos descritivos, suas orações relativas revelam um comportamento misto entre oração e nome, isto é, elas possuem tanto propriedades de sintagmas oracionais como nominais. O yaathe também se assemelha ao karitiana neste último aspecto. O comportamento misto das relativas é analiticamente capturado pela proposta de Baker (2011), segundo a qual sentenças incorporadas com características nominais podem ser entendidas como um compilado de núcleos funcionais, entre eles, um nominalizador. Tais núcleos seriam: *v*, Voice, I, Asp e *n*. Nos baseamos em Vivanco (2022, no prelo) para elaborarmos nossa análise. O yaathe difere do karitiana em alguns pontos e por isso ele não possui um núcleo Evid. Uma vez que a oração sofre nominalização, o núcleo da oração relativa não será alçado para seu exterior, ficando em Spec;AspP, quando movido. Embora este trabalho assumira a Análise de Promoção Antissimétrica, ele difere nesse ponto de De Vries (2002) em sua proposta: o núcleo não vai para Spec;CP, projeção que as orações relativas não possuem, em yaathe.

**Palavras-chave:** orações relativas, elementos relativos, yaathe, orações nominalizadas, relativas de núcleo interno

## ABSTRACT

The goal of this dissertation is to deepen the knowledge about the subordinations of the Yaathe language (Yathe Family, MACRO-JÊ stock), spoken by the Fulni-ô. For that, we elaborate a description of its restrictive relative clauses and relative elements. In addition, at the end we propose a syntactic analysis for this type of construction. We use the typological work and the Analysis of Antisymmetric Promotion by De Vries (200), Baker's (2011) proposal for nominalized embedded clauses of Sakha and the proposal by Vivanco (2018) and Vivanco (2022, in press) for the relative clauses of Karitiana (Tupi). The methodology consisted of linguistic elicitation guided by an experimental context, inspired by Vivanco (2014), as well as the application of questionnaires to test the acceptability of certain sequences. Yaathe has two nominalizing relative affixes, -ho and -doa. -ho is not allowed in object and intransitive subject relative clauses, revealing an ergative alignment in subordinations. The language also has resumptive pronouns, tade and take, which occur only in relative indirect object clauses. We noticed that, similarly to Karitiana, yaathe presents internally-headed relative clauses, which is optionally raised. Furthermore, in descriptive terms, their relative clauses reveal a mixed behavior between clause and noun, that is, they have both clause and noun phrase properties. The yaathe also resembles the karitiana in this last respect. The mixed behavior of relatives is captured by Baker's (2011) proposal, according to which sentences incorporated with nominal characteristics can be understood as a compilation of functional heads, including a nominalizer. Such heads would be: *v*, Voice, I, Asp and n. We based our analysis on Vivanco (2022, in press). Yaathe differs from karitiana in some aspects: it does not have an Evid core. Once the clause undergoes nominalization, the relative clause head will not be raised to the outside, staying in Spec;AspP when moved. Although this work assumes the Antisymmetric Promotion Analysis, it differs in this point from De Vries (2002) in its proposal: the head does not go to Spec;CP, a projection that yaathe relative clauses do not have.

**Key-words:** relative clauses, relative elements, yaathe, nominalized clauses, internally-headed relative clauses

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

1	primeira pessoa
2	segunda pessoa
3	terceira pessoa
A	sujeito transitivo
ABS	absolutivo
ADV	advérbio
AG	agente
AR	afixo relativo
ASP	aspecto
MOD	modo
CAUS	causativização
CONF	confirmativo
DFT	default
ERG	ergativo
F	feminino
IND	indicativo
M	masculino
NEG	negação
NP	sintagma nominal
O	objeto
OBL	oblíquo
POSTP	posposição
PST	passado
REL	relativo(a)
S	sujeito intransitivo
SG	singular
T	tempo
VERB	verbalizador

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>14</b>
<b>2. METODOLOGIA</b>	<b>21</b>
<b>3. TIPOLOGIA DAS SENTENÇAS RELATIVAS SEGUNDO DE VRIES (2002)</b>	<b>30</b>
3.1. O conceito de oração relativa	30
3.2. Tipos de relativas com base na semântica	31
3.3. Tipos de relativas com base na sintaxe	32
3.4. Elementos relativos	33
<b>4. RESULTADOS</b>	<b>36</b>
4.1. Clíticos de pessoa e número	37
4.2. Verbos em yaathe	39
4.3. Elementos relativos do yaathe	42
4.3.1. Afixos relativos nominalizadores do yaathe	42
4.3.2. Pronomes resumptivos do yaathe	44
4.4. A morfologia das orações relativas do yaathe	48
4.4.1. Relativas de sujeito transitivo	48
4.4.2. Relativas de sujeito intransitivo	50
4.4.3. Relativas de objeto	51
4.4.4. Relativas de objeto indireto	53
4.4.5. Sufixo relativo default	53
4.4.6. Concordância de gênero com o argumento não nuclear da relativa	55
4.5. Sintaxe das orações relativas do yaathe	56
4.5.1. Ordem dos constituintes	56
4.5.1.1. Relativas de sujeito transitivo	56
4.5.1.2. Relativas de objeto direto	57
4.5.1.3. Relativas de objeto indireto	58
4.5.1.4. Relativas de sujeito intransitivo	58
4.5.2. Posição do advérbio	59
4.5.2.1. Posição do advérbio em relativas bitransitivas	62
4.6. Conclusões	64
<b>5. ORAÇÕES RELATIVAS EM YAATHE: PROPOSTA DE ANÁLISE</b>	<b>67</b>
5.1. Teoria da Promoção Antissimétrica	67
5.2. Graus de nominalização	70
5.3. Análise das orações relativas em yaathe	73
5.4. Proposta	79
5.5. Algumas questões deixadas em aberto	82

5.6. Conclusões	84
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>85</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>88</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>91</b>
ANEXO A: Dados de Elicitação guiada por contexto experimental	91
ANEXO B: Sequências gramaticais do Questionário 1	96
ANEXO C: Sequências gramaticais do Questionário 2	98

## 1. INTRODUÇÃO

Os estudos de orações relativas muito interessam aos linguistas de orientação gerativista, tanto que suas primeiras incursões no tema datam dos anos 60. O problema teórico que guia suas investigações é a participação de um mesmo elemento em dois domínios, o da relativa e o da matriz, denominado por De Vries (2002) como o problema do pivot. Como análises sintáticas podem capturar o duplo papel do núcleo das orações relativas?

Para responder a essa questão, o autor procura elaborar uma definição sintática de oração relativa que prescindir da ideia de coindexação. Para ele, relativas são subordinações que estão ligadas ao material que as rodeia justamente por meio do pivot. Esse elemento joga com papéis sintático e semântico na relativa que são independentes dos papéis que ele tem fora dela. No exemplo abaixo, ‘os alunos’ é o elemento que une as duas sentenças, a matriz e a relativa, ao ser coparticipante delas:

- (1) A professora parabenizou os alunos que leram a bibliografia.

Nesse caso em específico, o pivot tem papel sintático de sujeito e semântico de agente, no domínio da relativa, e papel sintático de objeto e semântico de paciente no domínio da matriz. Em princípio, ele é livre para participar de diferentes combinações de papéis sintáticos e semânticos.

Conforme De Vries (2002), há ao menos quatro principais tipos sintáticos de relativas, a saber: pós-nominais (2a), pré-nominais (2b), circum-nominais (2c) e correlativas (2d). Tipologicamente, elas podem ser diferenciadas em muitos aspectos, mas o status hierárquico da sentença relativa e a posição hierárquica do núcleo da relativa são centrais em análises sintáticas. Essas construções podem também se diferenciar e sofrer variações quanto a outros aspectos, a exemplo da presença ou ausência de elementos relativos. Os exemplos são de De Vries (2002, p. 2):

- (2) a. never reads **books** (*which*) *I recommend to him*.  
 b. Jack never reads [*I recommend to him*] **books**.  
 c. Jack never reads [*I recommend books to him*].  
 d. [*Which books I recommend to him*] Jack never reads *them*.

Relativas pós e pré-nominais são relativas de núcleo externo (RNE), enquanto que circum-nominais e correlativas são relativas de núcleo interno (RNI)<sup>1</sup>.

Na literatura, muito se propôs analiticamente pautando-se nas relativas pós-nominais, que possuem núcleo externo à relativa. Elas são o tipo mais frequente nas línguas indo-europeias. No entanto, as línguas do mundo podem apresentar outros tipos cujas características podem colocar em cheque as análises existentes. Esse é o caso de línguas como o karitiana (VIVANCO, 2014), que possuem RNIs com movimento opcional do núcleo. Suas relativas possuem, além disso, um comportamento misto entre nome e oração, o que Vivanco (2018, 2022) compreende como uma estrutura oracional nominalizada.

As propostas teóricas formais que analisam orações relativas recorreram a, ao menos, dois grandes paradigmas derivacionais, a saber: Movimento-qu (CHOMSKY, 1977) e Alçamento (KAYNE, 1994).

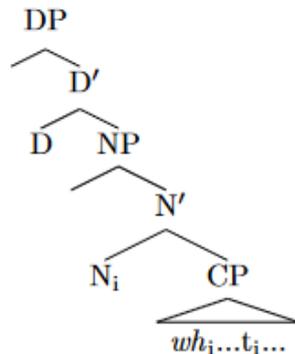
Movimento-qu (CHOMSKY, 1977) é a análise padrão da Teoria de Regência e Ligação (CHOMSKY, 1981) e do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995). É também denominada Análise de Núcleo Externo (Head External Analysis - HEA) (SALZMANN, 2018). Nessa abordagem, há um movimento-A' aberto de um pronome relativo ou de um operador para a periferia esquerda da relativa. Nela, o movimento não é do núcleo e, sim, do elemento relativo. A partir dessa abordagem, Chomsky (1977, 1995) dá um tratamento unificado a diferentes tipos de construções, como relativas, perguntas-qu e topicalização.

Em sua versão inicial, a sentença relativa é um CP adjunto do núcleo do NP. E a relação entre o núcleo do NP e o pronome/operador ocorre por meio de coindexação (que se dá na *Logical Form*). Em sua versão revisada, a teoria padrão assume que a relativa é, na verdade, um CP complemento de N (DE VIRES, 2002, p. 73):

---

<sup>1</sup> A classificação RNI e RNE para relativas de núcleo interno e externo respectivamente é dada em De Vries (2006 apud VIVANCO, 2014) e Culy (1990 apud VIVANCO, 2014).

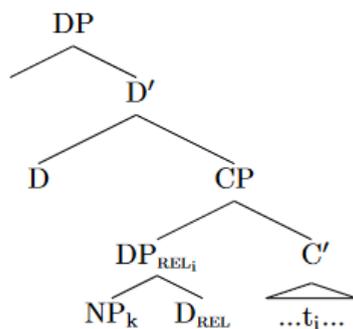
**Árvore 1 - Estrutura sintática de relativas na teoria padrão, adaptada de De Vries (2002).**



Já a análise de alçamento do núcleo (Head Raising Analysis - HRA) ou análise de promoção é uma alternativa à análise padrão. Essa proposta, que foi revivida por Kayne (1994), tem como precursores Brame (1968, 1976 apud DE VRIES, 2002), Schachter (1973) e Vergnaud (1974, 1985). Nela, o núcleo é uma expressão N que sai de dentro do IP da oração relativa e é alçado para um Spec de CP. Sendo assim, o duplo papel assumido pelo núcleo é capturado a partir de um movimento direto de dentro da relativa para sua posição de superfície e não apenas pela coindexação em si (SALZMANN, 2018).

Inicialmente, na proposta de alçamento, o N era adjungido a um constituinte determinante. Na sua versão revivida por Kayne, o autor assume a hipótese de D-complemento, iniciada por Smith (1964). Na análise de alçamento revisada, em conjunto com a teoria antissimétrica de Kayne (1994) e a hipótese de D-complemento de Smith (1964), temos o que De Vries (2002) opta por denominar Análise da Promoção Antissimétrica, que possui a seguinte estrutura para RNEs:

**Árvore 2 - Estrutura sintática de relativas na teoria da promoção antissimétrica, adaptada de De Vries.**



Relativas circum-nominais, ou de núcleo interno, são uma evidência em favor da análise de alçamento, ao mesmo tempo que podem ser problemáticas para a análise padrão (DE VRIES, 2002). Afinal, em circum-nominais o núcleo está no interior da relativa, enquanto que na análise padrão o núcleo deve nascer em seu exterior. Ademais, a análise de alçamento também é uma proposta que unifica as relativas de núcleo interno e externo (ver seção 5.1.)

Como contribuição desta dissertação para a compreensão das orações subordinadas de línguas brasileiras, chegamos a uma descrição das orações e elementos relativos do yaathe e propusemos uma análise baseada em alçamento para as mesmas. O yaathe possui relativas cujas ordens podem as caracterizar tanto como pós-nominais como circum-nominais. Além disso, apresenta afixos relativos e pronomes resumptivos.

Segundo nossa análise, a língua em estudo possui RNIs, cujo núcleo é alçado opcionalmente. Após o alçamento, ele repousa em Spec;AspP, no interior da oração. Além disso, relativas em yaathe são orações nominalizadas, cuja estrutura é uma combinação entre núcleos funcionais oracionais e ao menos um núcleo nominal, no caso em questão, *n*. Nesses três aspectos, nossa proposta de análise se aproxima daquelas de Vivanco (2014, 2018) e Vivanco (2022, no prelo) para o karitiana. Além de utilizarmos a análise dessa autora como base, seguimos também a Análise da Promoção Antissimétrica de De Vries (2002) e a análise de Baker (2011) das orações incorporadas do sakha com características mistas, entre nome e oração.

O yaathe é a língua falada pelo povo Fulni-ô, denominação que significa ‘o que tem rio’. O significado do nome está relacionado à região que o grupo habita, isto é, as proximidades do rio Ipanema. Trata-se de um afluente do rio São Francisco que passa por Águas Belas, em Pernambuco. Há relatos que datam dos séculos XVII e XVIII que se referem aos Fulni-ô como Carnijós, os quais já estariam em Pernambuco antes da chegada dos missionários capuchinhos (COSTA, 1999). Segundo dados do Siasi/Sesai de 2014, encontrados no site do ISA, há ao menos 4.700 Fulni-ô.

O yaathe é a última língua indígena ainda falada no Nordeste do Brasil. Segundo Costa (1999), os povos que, supostamente, cercavam os ditos Carnijós, os Foklasa, Brogradá e Fola, não deixaram nenhum registro da sua língua materna. E dos cerca de 12<sup>2</sup> grupos indígenas oficialmente reconhecidos pelo Estado de Pernambuco, apenas o Fulni-ô ainda possui língua materna em pleno uso.

---

<sup>2</sup> A saber: Xukurú, Kapinawá, Kambiwa, Tuxá, Fulni-ô, Atikum, Pankararu, Pankararu Entre Serras, Pankaiwka, Pankará, Pipipã e Truká (Ferreira, Fernandes e Freitas, 2018).

Além disso, o yaathe é a única língua de sua família, considerada MACRO-JÊ por Rodrigues (1886). Mais recentemente, Nikulin (2020) delimitou um Proto-MACRO-JÊ. Conforme o autor, o yaathe não está demonstravelmente relacionado a ele. No entanto, essa língua possui algumas escassas semelhanças com línguas MACRO-JÊ, a exemplo de seus índices actanciais de 1ª e 2ª pessoa singular (NIKULIN, 2020). Sendo assim, sua pertinência ou não à família MACRO-JÊ ainda precisa ser melhor compreendida.

Na literatura, encontramos alguns trabalhos descritivos a respeito da gramática dessa língua, como Lapenda (1965) e Costa (1999), e também trabalhos que versam sobre e analisam especificamente aspectos de sua fonologia, a saber: Barbosa (1991), Cabral (2009) e Silva (2011, 2016). Não há um trabalho que foque suas orações subordinadas, nem descritiva nem analiticamente.

Em termos tipológicos, trata-se de uma língua de núcleo final: possui ordem SOV (ex. 3), posições (ex. 4) e a ordem possuidor-possuído (ex. 4).

(3) yaathe (Costa, 1999)

[ɔtska klekeyni:so k<sup>h</sup>etk<sup>y</sup>ase]

homem onça achou:IND;PST

**S O V**

‘o homem achou a onça’

(4) yaathe (Costa, 1999)

[ɔtska tdinekase seti k<sup>h</sup>ɔts ke]

homem parou:IND;PST casa porta **POSTP**

‘o homem parou na porta de casa’

Além disso, foi descrita como ergativo-absolutiva por Costa (1999). E possui uma cisão intransitiva, segundo a mesma autora. O ta= ‘3SG’, é um clítico que aparece marcando sujeito de verbos transitivos e inergativos (exs. 5 e 6), enquanto o e= é um clítico que aparece marcando objetos e sujeito de verbos inacusativos (exs. 5 e 7):

(5) yaathe (Costa, 1999)

[ tɛ:wk<sup>i</sup>a]

**ta=e=weka**

**3SG;A=3SG;O=mata:IND**

‘ele o mata’

(6) yaathe (Costa, 1999)

[**ta**=feetõnekã:kya o:ke]

**3SG;S=ainda.trabalha:IND aqui:1SG;POSTP**

‘ele ainda trabalha aqui’

(7) yaathe (Costa, 1999)

[klekeyni:so e=<sup>h</sup>k<sup>w</sup>ase]

onça **3SG;O=morreu:IND;PST**

‘a onça morreu’

Ainda assim, não há análises recentes a respeito do sistema de caso do yaathe, o qual precisa de investigações mais profundas. Veremos que a cisão se desfaz, se considerarmos que os inergativos são um subtipo de verbos transitivos, se considerarmos a sua estrutura argumenta (seção 4.2). A língua possuiria apenas o alinhamento ergativo, visível no comportamento dos clíticos de terceira pessoa singular.

Já em termos morfológicos, segundo Costa (1999) o yaathe seria uma língua com características fusionais (ex. 8) e polissintéticas (ex. 9), mas que por estar em plena mudança, tem realizado formas analíticas dos seus sufixos (exs. 10 e 11).

(8) yaathe (Costa, 1999)

/-ka/: [-ka],[-k],[-kja],[-kwa]

(9) yaathe (Costa, 1999)

RV (ADV) (NEG) (ASP) (MODO) (T.ABS) (T. REL)

(10) yaathe (Costa, 1999)

se:a utfĩ k<sup>h</sup>loknese-**hle**-do

moça carne cozinhar-**ADV**-CONF

‘a moça já cozinhou a carne’

- (11) yaathe (Costa, 1999)  
 se:a utfĩ k<sup>h</sup>lokwase            **hle**  
 moça carne cozinhar:IND;PST    **ADV**  
 a moça já cozinhou a carne

Uma das facetas deste trabalho é aprofundar a descrição das orações relativas do yaathe, indicando além disso em qual tipo elas se enquadram bem como quais os tipos de elementos relativos estão envolvidos nessas construções.

Este texto está organizado da seguinte maneira. O capítulo 2 descreve a metodologia de coleta de dados. O capítulo 3 aborda rapidamente a definição e os tipos de relativas descritos na literatura, bem como alguns outros aspectos importantes das relativas, como a questão dos elementos relativos. O capítulo 4 contém os resultados obtidos, descrevendo tipologicamente as sentenças aqui focadas, as relativas restritivas da língua em questão. O capítulo 5 aborda com mais profundidade a análise de alçamento e outros pressupostos teóricos que irão fundamentar a proposta de análise elaborada para as relativas em yaathe, nesse mesmo capítulo. O capítulo 6 é dedicado às considerações finais. Em Anexos encontram-se os dados coletados em nossas entrevistas.

## 2. METODOLOGIA

A coleta dos dados em yaathe foi feita em três partes. A primeira foi uma elicitación guiada por contexto experimental. Utilizamos como base o experimento realizado por Vivanco (2014), baseado em Labelle (1990 apud Vivanco, 2014), com sentenças relativas restritivas. A segunda e a terceira parte consistiram na aplicação de questionários contendo as sentenças coletadas na primeira parte, sendo que com pequenas variações. Tais variações eram relacionadas à aparição dos afixos relativos, clíticos de pessoa e número e de um advérbio, este último em diferentes posições. O falante deveria julgar a aceitabilidade das sentenças.

A coleta foi feita a partir de dois informantes, falantes nativos de yaathe e de potuguês brasileiro (pb). Ademais, as sessões de elicitación foram realizadas via google meet, entre 2021 e 2022. Elas foram gravadas em formato .mp4, convertidas em áudio no formato .wav e depois cortadas em pequenos áudios contendo cada uma das sentenças elicitadas. As edições foram feitas no Audacity.

Os contextos da primeira parte da coleta foram divididos em: contextos de relativas de sujeito transitivo, contextos de relativas de objeto, contextos de relativas de sujeitos inacusativo e inergativo e contextos de relativas de objeto indireto.<sup>3</sup>

Por definição, a sentença relativa restritiva é uma subordinação que *restringe* (ver Capítulo 3) uma entidade frente a uma outra que poderia ser confundida com ela, por sua identidade. Essa entidade será então o referente do pivot da relativa, o elemento que é coparticipante da sentença matriz e da sentença subordinada.

---

<sup>3</sup> As informações sobre a transitividade dos verbos em yaathe foram revisadas em Costa (1999, 2004, 2005). A autora faz a descrição dos verbos da língua tendo em vista sobretudo suas propriedades morfológicas, mais do que a sintaxe sentencial. Isto é, a transitividade aqui é dada pela estrutura argumental dos verbos. Verbos inergativos são os que trazem o morfema -ne afixado à raiz. Consideramos que nesses verbos o objeto está incorporado a um verbo leve (o -ne) de maneira cristalizada. Esses verbos são normalmente acompanhados por mais um argumento (na sentença) e o clítico de concordância de 3SG que a ele se une deve ser necessariamente o ta=. Já verbos inacusativos são verbos que não trazem o morfema -ne na raiz e são acompanhados de apenas um argumento. O seu clítico de 3SG é necessariamente o e=. O importante a se esclarecer aqui é que consideramos verbos inergativos como transitivos no nível da estrutura argumental, uma vez que eles trazem o objeto a ele incorporado, segundo nossa hipótese e algumas evidências iniciais (ver seção 4.2). É por isso que se optou, no presente trabalho, por se traduzir os verbos inergativos como “fez X”, em que X é o objeto incorporado ao verbo leve. Entretanto, a transitividade dos verbos em yaathe ainda não é clara, ainda mais se considerarmos a distinção entre a transitividade em termos de estrutura argumental versus sintaxe sentencial. Essa questão foi levantada durante minha defesa pelas professoras da banca, de onde surgiu a ideia de que um próximo trabalho procure contribuir com a compreensão dessa lacuna.

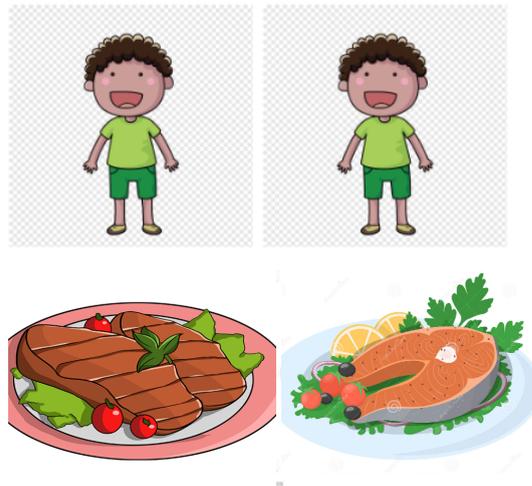
Sendo assim, um contexto consiste na apresentação de duas imagens contendo dois personagens ou objetos idênticos que estão realizando ou sofrendo uma ação com personagens ou objetos distintos. O entrevistador apresenta linguisticamente os personagens e as situações e solicita que o entrevistado escolha um dos personagens/objetos que são iguais. E o falante deve escolher aquele que lhe aprouver identificando-o linguisticamente por meio de uma relativa restritiva. Vejamos:

### Contexto de relativa de sujeito transitivo

#### 1. Apresentar as figuras enquanto explica as ações:

**Pesquisador:** [faz aparecer na tela duas figuras de meninos idênticas] Aqui tem dois meninos. Esse menino aqui, comeu carne [apresenta a figura da carne que surge embaixo de um dos meninos]; esse outro aqui, comeu peixe [apresenta a figura do peixe que surge embaixo do outro menino].

**Figura 1** - Exemplo de contexto de relativa de sujeito de verbo transitivo.



Fonte: <https://in.pinterest.com/pin/childrens-day-childrens-creative-worlds-children--624381935831914937/>,  
<https://www.pinterest.com/pin/661184789036764211/>  
<https://www.dreamstime.com/grilled-salmon-steak-plate-lemon-tomato-tasty-fish-fillet-dinner-lunch-delicious-meal-isolated-vector-image147486398>.

#### 2. Escolha das figuras:

**Pesquisador:** agora, por favor, escolha um dos meninos.

**Informante:** [escolhe um dos meninos].

### 3. Produção oral da sentença:

**Pesquisador:** [apaga as figuras do peixe e da carne] Agora, por favor, FALE em yaathe qual dos meninos você escolheu e em seguida dê a tradução em português.

**4. Sentença esperada:** Eu escolho o menino que comeu carne/peixe.

### Contexto de relativa de objeto

#### 1. Apresentar as figuras enquanto explica as ações:

**Pesquisador:** [faz aparecer na tela duas figuras de cachorros idênticas] Aqui tem dois cachorros. Esse cachorro aqui, o João abraçou [apresenta a figura do João que surge embaixo de um dos cachorros]; esse outro aqui, o Pedro abraçou [apresenta a figura do Pedro que surge embaixo do outro cachorro].

**Figura 2** - Exemplo de contexto de relativa de objeto.



Fonte:

[https://pngtree.com/freepng/dog-cartoon-dog-year-of-the-dog-2018\\_3784061.html](https://pngtree.com/freepng/dog-cartoon-dog-year-of-the-dog-2018_3784061.html)  
<https://in.pinterest.com/pin/childrens-day-childrens-creative-worlds-children--624381935831914937/>  
<https://in.pinterest.com/pin/6333255716343578/>

## 2. Escolha das figuras:

**Pesquisador:** agora, por favor, escolha um dos cachorros.

**Informante:** [escolhe um dos cachorros].

## 3. Produção oral da sentença:

**Pesquisador:** [apaga as figuras de Pedro e João] Agora, por favor, FALE em yaathe qual dos cachorros você escolheu e em seguida dê a tradução em português.

## 4. Sentença esperada: Eu escolho o cachorro que o João/Pedro abraçou.

Os contextos de sujeito intransitivo e o de objeto indireto foram uma extensão do experimento de Vivanco (2014), uma vez que a autora trabalhou apenas com relativas de verbos transitivos. No caso de contextos para sentenças relativas intransitivas, contrapúnhamos imagens de dois personagens semelhantes, executando ações distintas, e solicitávamos que o falante escolhesse um dos personagens. Veja o exemplo de um contexto de sujeito inacusativo:

### Contexto de relativa de sujeito inacusativo

#### 1. Apresentar as figuras enquanto explica as ações:

**Pesquisador:** [faz aparecer na tela duas figuras, em uma delas uma mulher dançando, na outra, está dormindo] Aqui temos duas mulheres. Essa mulher aqui dançou]; essa outra aqui, dormiu.

**Figura 3** - Exemplo de contexto de relativa de sujeito inacusativo.



Fonte:

<https://www.istockphoto.com/pl/wektor/czarna-dziewczyna-s%C5%82ucha%C4%87-muzyki-i-ta%C5%84ca-african-american-m%C5%82oda-kobieta-w-gm1264800215-370532646>  
[https://www.freepik.com/premium-vector/vector-cartoon-illustration-woman-sleeping-night-her-bed\\_10615382.htm](https://www.freepik.com/premium-vector/vector-cartoon-illustration-woman-sleeping-night-her-bed_10615382.htm)

## 2. Escolha das figuras:

**Pesquisador:** agora, por favor, escolha uma das mulheres.

**Informante:** [escolhe uma das mulheres].

## 3. Produção oral da sentença:

**Pesquisador:** Agora, por favor, FALE em yaathe qual das mulheres você escolheu e em seguida dê a tradução em português.

## 4. Sentença esperada:

Eu quero a mulher que dançou/dormiu.

Em relativas de objeto indireto utilizamos slides com cinco imagens.

## Contexto de relativa de objeto indireto

### 1. Apresentar as figuras enquanto explica as ações:

**Pesquisador:** [faz aparecer na tela duas figuras de meninos idênticas e a figura de um ancião] Aqui temos dois meninos. Esse menino aqui ganhou do ancião uma

bola [apresenta a figura da bola que surge embaixo de um dos meninos]; esse outro aqui ganhou do ancião um livro [apresenta a figura do livro que surge embaixo do outro menino].

**Figura 4** - Exemplo de contexto de relativa de objeto indireto.



Fonte:

[https://br.123rf.com/photo\\_67973673\\_grey-haired-old-african-man-face-laughing-facial-expression-cartoon-vector-illustrations-isolated-ol.html?is\\_plus=1](https://br.123rf.com/photo_67973673_grey-haired-old-african-man-face-laughing-facial-expression-cartoon-vector-illustrations-isolated-ol.html?is_plus=1)  
[https://www.freepik.com/free-vector/doodle-soccer-ball\\_1166961.htm#query=soccer%20ball&position=1&from\\_view=keyword](https://www.freepik.com/free-vector/doodle-soccer-ball_1166961.htm#query=soccer%20ball&position=1&from_view=keyword)  
<https://www.twinkl.pl/illustration/book>

## 2. Escolha das figuras:

**Pesquisador:** agora, por favor, escolha um dos meninos.

**Informante:** [escolhe uma dos meninos].

## 3. Produção oral da sentença:

**Pesquisador:** Agora, por favor, FALE em yaathe qual dos meninos você escolheu e em seguida dê a tradução em português.

## 4. Sentença esperada: Eu quero o menino para quem o ancião deu a bola/livro.

Na segunda parte, aplicamos um questionário em que os elementos relativos e os clíticos de pessoa e número apareciam ligados aos verbos das relativas. No caso dos afixos, o objetivo era verificar se existia alguma restrição na sua coocorrência relacionada ao subtipo

de verbo. No caso dos clíticos, o objetivo era verificar se ele continuava ocorrendo como concordância ou se apresentaria alguma mudança de comportamento, isto é, se aproximada de um tipo de elemento relativo (ver seção 3.4).

As sentenças testadas foram retiradas da primeira parte experimental, a de experimento de produção, e modificadas conforme nossas intenções de teste. Nessa etapa, agora de licitação, continuamos fornecendo um pequeno contexto experimental.

(1)

(a) inetkaka        txay    ooya txhólne-**doa**-se  
 quero:1SG;IND mulher água esquentar-AR(DFT)-(F)-PST  
 ‘eu quero a mulher que esquentou a água’

(b) inetkaka        txay    ooya txhólne-**ho-so**-se  
 quero:1SG;IND mulher água esquentar-AR(AG)-(F)-PST  
 ‘eu quero a mulher que esquentou a água’

Nos exemplos acima, testamos a ocorrência dos morfemas relativos -doa e -ho(so) em relativas de sujeito de verbo transitivo. No caso das sentenças em (1), elas eram aceitáveis para o falante 1, porém (1a) era inaceitável para o falante (2).

(2)

(a) \*inetkaka        **txay**    ooya **ta**=txholne-doa-se  
 quero:1SG;IND mulher água 3SG=esquentar-AR(DFT)-PST  
 ‘eu quero a mulher que esquentou a água’

(b) \*inetkaka        **txay**    ooya **ta**=txholne-ho-so-se  
 quero:1SG;IND mulher água 3SG=esquentar-AR(ERG)-F-PST  
 ‘eu quero a mulher que esquentou a água’

Já nos dois dados acima testamos a ocorrência do clítico de concordância de 3SG em orações relativas. As sentenças em (2) eram inaceitáveis, porém (2a) era possível desde que com o sentido de relativa de objeto, com a seguinte tradução: “Eu quero a água que a mulher esquentou”. No teste, explicamos que o clítico em questão estava coindexado ao

núcleo da relativa. O entrevistado podia apresentar outras traduções que tornavam a construção possível, quando a nossa tradução não batia com a construção em questão.

Já a terceira parte das sessões prescindiu de contexto experimental. Utilizamos os resultados da primeira parte para elaborar um questionário de sentenças com advérbio em diferentes posições. O objetivo era verificar, com base em Pollock (1989), se os argumentos verbais são movidos para fora do vP-VP.

O entrevistado deveria julgar a aceitabilidade das sentenças. Por exemplo:

(3)

- (a) inetkaka      se:a   utʃi   k<sup>h</sup>lokdoase                      **hle**  
 quero:1SG;IND moça carne cozinhou:AR(DFT);PST **ADV**  
 ‘eu quero a moça que já cozinhou a carne’
- (b) \* inetkaka              se:a   utʃi   **hle**   k<sup>h</sup>lokdoase  
 quero:1SG;IND moça carne **ADV** cozinhou:AR(DFT);PST  
 ‘eu quero a moça que já cozinhou a carne’
- (c) \* inetkaka              se:a   **hle**   utʃi   k<sup>h</sup>lokdoase  
 quero:1SG;IND moça **ADV** carne cozinhou:AR(DFT);PST  
 ‘eu quero a moça que já cozinhou a carne’
- (d) \* inetkaka              **hle**   se:a   utʃi   k<sup>h</sup>lokdoase  
 quero:1SG;IND **ADV** moça carne cozinhou:AR(DFT);PST  
 ‘eu quero a moça que já cozinhou a carne’
- (e) \* i=**hle**              netkaka   se:a   utʃi   k<sup>h</sup>lokdoase  
 1SG=**ADV** quero:IND moça carne cozinhou:AR(DFT);PST  
 ‘eu quero a moça que já cozinhou a carne’
- (f) \* **hle**   inetkaka              se:a   utʃi   k<sup>h</sup>lokdoase  
**ADV** quero:1SG;IND moça carne cozinhou:AR(DFT);PST  
 ‘eu quero a moça que já cozinhou a carne’

O julgamento se dava por meio de uma classificação das sentenças entre boa, muito boa, ruim ou muito ruim. As sentenças (c) e (d) eram aceitáveis sob a condição de um sentido diferente. Em (d) o advérbio estaria modificando a sentença matriz. Enquanto em (c) o sentido seria outro, mais marcado, “agora eu quero a moça que cozinhou a carne”. Para o falante essa sentença não era tão boa quando a sentença em (a).

Como controle, elicitamos sentenças simples, intercaladas às sentenças relativas. Por exemplo:

(4)

(a) se:a utfĩ k<sup>h</sup>lokwase **hle**  
 moça carne cozinhou:IND;PST **ADV**  
 ‘a moça já cozinhou a carne’

(b) \* se:a utfĩ **hle** k<sup>h</sup>lokwase  
 moça carne **ADV** cozinhou:IND;PST  
 ‘a moça já cozinhou a carne’

(c) \* se:a **hle** utfĩ k<sup>h</sup>lokwase  
 moça **ADV** carne cozinhou:IND;PST  
 ‘a moça já cozinhou a carne’

(d) \* **hle** se:a utfĩ k<sup>h</sup>lokwase  
**ADV** moça carne cozinhou:IND;PST  
 ‘a moça já cozinhou a carne’

### 3. TIPOLOGIA DAS SENTENÇAS RELATIVAS SEGUNDO DE VRIES (2002)

#### 3.1. O conceito de oração relativa

Relativas são sentenças subordinadas. Mas, segundo De Vries (2002), o que as diferencia de outros subtipos de subordinadas é a existência, na sentença relativa, de um elemento que pertence também à sentença matriz. Essas são as primeiras duas propriedades essenciais das relativas mencionadas pelo autor, em resumo:

Definição de construções relativas:

- (a) Uma oração relativa é subordinada.
- (b) Uma oração relativa está conectada ao material que a rodeia por meio de um constituinte pivot. (DE VRIES, 2002, p. 14, tradução minha)

O elemento pivot (núcleo da relativa) joga simultaneamente com dois papéis distintos, isto é, ele é semanticamente compartilhado pela matriz e pela relativa. Veja-se o exemplo abaixo, retirado do próprio De Vrie (2002, p. 1)

(1) Jack never reads *books* I recommend to him.

Em 1, interpretamos *books* ‘livros’ como argumento interno de *read* ‘ler’ e *recommend* ‘recomendar’.

Uma terceira propriedade é, ainda, elaborada por De Vries. Embora sozinha não sirva para construir o conceito de relativa, ela é importante para que se tenha uma noção da amplitude da utilização desse tipo de construção:

Propriedade essencial adicional de construções relativas

O papel- $\theta$  semântico e o papel sintático com que o constituinte pivot joga na oração relativa são, em princípio, independentes dos seus papéis fora da relativa. (DE VRIES, 2002, p. 15, tradução minha)

Na prática, podemos ter diferentes combinações. Uma delas é aquela em que um pivot é objeto e paciente em relação à matriz, mas sujeito e agente na relativa e vice-versa, conforme exemplos (4) e (5):

(2) Eu vi o homem que constrói casas.

(3) O homem que eu vi constrói casas.

No primeiro exemplo, *o homem* é paciente e objeto na matriz, ao mesmo tempo que é agente e sujeito na relativa. Já no segundo exemplo, ele é agente e sujeito na matriz e paciente e objeto na relativa.

### 3.2. Tipos de relativas com base na *semântica*

De Vries (2002) faz um compilado dos vários aspectos em que as relativas podem se diferenciar, baseando-se em dados tipológicos de diferentes tipologistas, como Comrie (1981), Givón (1984), Lehmann (1984) e outros. Alguns deles são: relação/modificação, status hierárquico da sentença relativa, posição hierárquica do núcleo da relativa, presença ou ausência de elementos relativos etc. Tais aspectos são uma excelente maneira de classificar construções relativas.

A presente dissertação faz um recorte em termos de relação/modificação e foca especificamente as relativas restritivas. A distinção segundo relação/modificação é uma forma semântica de tipologizar sentenças relativas. Nesse sentido, a tipologia clássica diferenciou dois grandes tipos: as restritivas e as não restritivas (CINQUE, 2020) ou apositivas (GROSU; LANDMAN, 1998).

Nas primeiras, há uma intersecção de um ou mais conjuntos com o conjunto denotado pelo núcleo da relativa (GROSU; LANDMAN, 1998, CINQUE, 2020). Nas segundas, o referente do núcleo já é estabelecido e tudo que se faz é adicionar-se mais informação a ele (CINQUE, 2020). Segundo Grosu e Landman (1998), as apositivas contêm um ou mais elementos discursivo-anafóricos que estão em relação com o nome que elas modificam. Vejamos os exemplos abaixo:

(4) A professora falou com os alunos que falharam no teste. [restritiva]

(5) A professora falou com os alunos, que falharam no teste. [apositiva]

Nas palavras de De Vries (2002, p. 71), uma distinção central entre elas é que não restritivas apositivas têm a função de *especificação* do núcleo, enquanto as restritivas têm a função de *restrição* do núcleo em uma direção. Por exemplo, na restritiva acima, lemos que o professor falou com aqueles alunos que falharam no teste e não com todos os alunos ou, por exemplo, com aqueles que não falharam. O sentido vai na direção daqueles que falharam. Já na apositiva, o professor fala com todos os alunos, os quais falharam no teste. Isto é, acrescenta-se informação ao núcleo, apenas.

Mas, conforme Grosu e Landman (1998), há outras variedades de relativas que não se encaixam em nenhuma das definições acima, a saber: relativas de grau, relativas livres, relativas internamente nucleadas e correlativas. Para os autores, a dicotomia semântica restritiva versus não restritiva não serve para caracterizar todos os tipos de relativas, criando um terceiro tipo de relativas estranhas. Os autores propõem uma hierarquia baseada na distinção *sortal internal/external*. Indico Grosu e Landman (1998) para o leitor interessado em outros diferentes tipos de relativas, em termos semânticos.

### 3.3. Tipos de relativas com base na *sintaxe*

Segundo De Vries (2002), há ao menos duas questões que se relacionam ao problema do pivot: como um constituinte pode assumir dois papéis distintos na sintaxe? E qual a posição da relativa na estrutura sintática? Análises sintáticas podem se comprometer com a resolução dessas duas perguntas.

Ademais, análises de qualquer abordagem devem levar em conta as variações na forma de se codificar o pivot da relativa, variações que estão não só relacionadas à posição do pivot (ou da relativa) na estrutura sintática, mas também à ocorrência ou não de certos elementos relativos.

Tipologicamente falando, ainda segundo De Vries (2002), as línguas encontram diferentes estratégias para lidar com o problema do pivot e expressar construções relativas. A depender da língua em questão, o elemento pivot será pronunciado em um dado lugar da sequência sintática. Desse modo, segundo o autor, existem ao menos quatro tipos de sentenças relativas: (6a) pós-nominais, (6b) pré-nominais, (6c) circum-nominais e (6d) correlativas. Os exemplos são de De Vries (2002, p. 2)

- (6)
- (a) Jack never reads **books** (*which*) *I recommend to him*.
  - (b) Jack never reads [*I recommend to him*] **books**.
  - (c) Jack never reads [*I recommend books to him*].
  - (d) [*Which books I recommend to him*] Jack never reads *them*.

As relativas pós-nominais são as que encontramos no português brasileiro (pb), assim como no inglês (no exemplo 8a, acima). Nelas, a relativa ocorre à direita do pivot. Na análise de De Vries, em tais relativas, o movimento do núcleo para uma posição externa é obrigatório. Possuem, de forma majoritária, pronomes relativos (ou complementizadores) o qual, além do núcleo, também sofre movimento-qu. As pré-nominais, ao contrário, possuem uma estrutura em que o núcleo da relativa aparece à sua direita (ex. 8b), embora também sejam externamente nucleadas, assim como as pós-nominais.

Relativas circum-nominais são relativas de núcleo interno. Elas possuem um grande potencial para portar ambiguidade (DE VRIES, 2002) devido à posição *in situ* do núcleo. São relativas que costumam apresentar afixos relativos e não trazem, comumente, pronome relativo. Além disso, relativas circum-nominais são sentenças nominalizadas, segundo Culy (1990 apud DE VRIES, 2002, p. 136).

As relativas circum-nominais assim como as relativas de núcleo externo são sentenças incorporadas, isto é, elas aparecem internamente à sentença matriz. Contrariamente, correlativas são topicalizadas. Adjuntas à esquerda da matriz, elas possuem núcleo interno e um correlato na sentença matriz que costuma ser um pronome ou determinante (DE VRIES, 2002, p. 17).

### 3.4. Elementos relativos

De Vries (2002, p. 62) propõe uma classificação de elementos relativos da seguinte maneira: pronomes relativos, complementizadores relativos, marcas relativas, afixos relativos e pronomes resumptivos. Complementizadores, marcas e afixos relativos são o que ele considera partículas relativas. Uma característica que as reúne é o fato de que não ocupam a lacuna da relativa deixada pelo elemento pivot ou núcleo.

Já pronomes relativos e resumptivos estão nas pontas opostas da classificação, pois os primeiros portam traços-qu e sofrem movimento-qu e os segundos, que podem ser pronomes demonstrativos e pessoais, ocupam o gap da oração relativa e estão in situ ou numa posição não inicial. Os resumptivos podem ser palavras ou clíticos e, muitas vezes, a diferença entre um clítico resumptivo e o afixo de concordância com o objeto não é clara (DE VRIES, 2002, p. 173).

Complementizadores relativos não possuem Caso nem concordam com o núcleo. Eles aparecem majoritariamente em relativas pós-nominais. Mas há casos, ainda que raros, de complementizadores em relativas circum-nominais, pré-nominais e correlativas. Complementizadores podem ser uma partícula nominalizadora que também aparece em relativas, o que De Vries (2002) chama de complementizador relativo nominalizador.

Segundo De Vries (2002), marcas relativas aparecem na posição inicial da relativa e costumam portar ao menos alguma evidência de concordância com o núcleo. Segundo o autor, elas não estão nem na posição de complementizador nem na lacuna da relativa, de onde poderiam sofrer movimento-qu.

Por fim, há os afixos relativos que aparecem afixados aos verbos das relativas. Trata-se de uma grande classe de partículas comuns a quase todas as famílias linguísticas do mundo; não obstante, não há literatura aprofundada sobre elas (DE VRIES, 2002). O autor contribui com uma pequena classificação. Segundo ele, entre os diferentes tipos de afixos relativos, há o afixo relativo temporal, que substitui T em V e transforma a relativa em um particípio. Há também o afixo relativo nominalizador, o qual pode ocorrer no lugar do afixo temporal e, em algumas línguas, pode trazer a informação de Caso da lacuna.

Segundo De Vries (2002, p. 176):

Eu defendi antes que toda oração relativa tem movimento-qu. Isto implica na presença de um pronome relativo e de um complementizador. Em línguas com afixos relativos, esses elementos são abstratos, mas provavelmente ainda estão presentes. Portanto, um afixo relativo é informação extra, que não é supérflua, porque a relativa não é marcada abertamente de outra forma. Nesse caso, o afixo relativo não desempenha um papel primário na sintaxe da oração relativa. No entanto, está claro que essa questão merece um estudo mais aprofundado. (tradução minha)<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> I have argued before that every relative clause has wh-movement. This implies the presence of a relative pronoun and a complementizer. In the languages with relative affixes these elements are abstract, but probably still present. Therefore a relative affix is 'extra' information, which is not superfluous, because the relative is not overtly marked otherwise. If so, a relative affix does not play a primary role in the syntax of these relative clauses. However, it is clear that this issue deserves a thorough further study. (DE VRIES, 2002, p- 176)

Em resumo, para o autor, em relativas sempre acontece o movimento-qu de um elemento-qu (pronome relativo ou complementizador), ainda que ele seja abstrato. Sendo assim, afixos relativos possuem um papel secundário na sintaxe dessas construções, muito embora eles tenham alguma importância, uma vez que, como dito, aparecem em relativas cujo pronome não está fonologicamente manifestado.

Nos capítulos 4 e 5, veremos que os dados do yaathe demonstram que essa língua possui afixos relativos nominalizadores e, além disso, algumas das propriedades mencionadas por De Vries, como a ausência de pronome relativo. No entanto, não parece ser o caso de que tais afixos, que levam o verbo para o particípio, ocupem o lugar de T, na sintaxe. Isso porque as orações relativas do yaathe, embora sejam nominalizadas, seguem apresentando morfologia tipicamente verbal, como a marcação de tempo (ver Capítulo 5).

#### 4. RESULTADOS

Neste capítulo apresentamos os resultados da presente dissertação e fazemos algumas discussões. Com base na literatura (COSTA, 1999, 2004, 2005), introduzimos elementos da gramática do yaathe que facilitam a compreensão dos dados de orações relativas, a saber: os clíticos de concordância que aparecem à esquerda do verbo em sentenças simples e os tipos e subtipos de verbos que são pressupostos. Ademais, reinterpretemos um dos subtipos de verbos intransitivos, os inergativos, como um subtipo de verbos transitivos, com base em Laka (1993).

Os resultados que obtivemos são dados nesta ordem. Apresentamos os elementos relativos do yaathe, classificando-os, a saber: pronomes resumptivos de relativas de objeto indireto, os afixos relativos nominalizadores e a concordância de gênero que se une a estes últimos. Utilizamos para tanto a classificação de elementos relativos proposta por De Vries (2002). Ademais, mostraremos que a concordância de pessoa e número com o núcleo acontecerá também em relativas, embora opcionalmente.

Descrevemos o comportamento sintático das relativas, as quais têm apresentado mais de uma ordem: tanto relativas de objeto como relativas de sujeito apresentam uma ordem mais prototípica, com núcleo na periferia esquerda da relativa, como uma ordem menos prototípica, com núcleo in situ. Sendo assim, o yaathe possui relativas com ordem que as aproxima de relativas de núcleo externo (RNE ou pós-nominais) e de núcleo interno (RNI ou circum-nominais). Na análise, trataremos as ordens como variações de um mesmo tipo.

Quanto aos dados de relativas com modificação adverbial, mostraremos que nelas o advérbio ocorre, sistematicamente, em posição final. Há, no entanto, uma ordem menos prototípica ocorrendo, quando o advérbio modifica o verbo da matriz, e ela pode ser problemática para análise baseada em alçamento que propomos no Capítulo 5. Essa sequência será retomada para mais discussão no capítulo de análise.

#### 4.1. Clíticos de pessoa e número

Em Costa (1999) há uma boa descrição dos elementos que portam informações de número e pessoa, como pronomes oblíquos, pronomes pessoais e os clíticos de pessoa; estes últimos nos interessam aqui.

Em yaathe, há concordância de número e pessoa dos argumentos com o verbo por meio de clíticos que aparecem na posição que precede o verbo. Na primeira, segunda e terceira pessoa singular os clíticos são os listados abaixo:

**Tabela 1** - Clíticos de concordância de pessoa e número.

	<b>A</b>	<b>S/O</b>
1SG	i=	i=
2SG	a=	a=
<b>3SG</b>	<b>ta=</b>	<b>e=</b>

Fonte: Costa (1999)

O paradigma de clíticos é bastante sincrético se considerarmos a função sintática dos argumentos. Em quase todas as pessoas, as mesmas formas são utilizadas tanto com função de sujeito como de objeto, como atestam os exemplos abaixo de sentenças transitivas e intransitivas com argumento de 1SG.

(1) yaathe (Costa, 1999)

i=e=juãne eynikase

1SG;A=3SG=pão comprei:IND-PST

‘eu comprei o pão’

(2) yaathe (Costa, 1999)

otska i=k<sup>h</sup>etk<sup>v</sup>ase

homem 1SG;O=chamou:IND;PST

‘o homem me achou’

(3) yaathe (Costa, 1999)

i=kfafa<sup>h</sup>kahe

o:ke sô:ma

1SG;S=dormirei:IND;FUT aqui amanhã

‘eu dormirei aqui amanhã’

Apenas na 3SG, há duas formas distintas, uma para sujeitos intransitivos e objetos (e=) e outra para sujeitos transitivos (ta=).

(4) yaathe (Costa, 1999)

otska e=sekase  
 homem 3SG;S=dançou:IND;PST  
 ‘o homem dançou’

(5) yaathe (Costa, 1999)

ta=e=kehakase  
 3SG;A=3SG;O=comeu:IND;PST  
 ‘ele comeu (alguma coisa)’

(6) yaathe (Costa, 1999)

ta=feetōnekã:kya o:ke  
 3SG;A=ainda.faz.trabalho:ADV;IND aqui  
 ‘ele ainda faz trabalho aqui’

No exemplo (4) há um verbo intransitivo canônico, o que Costa considerou ser um verbo estativo; a concordância se dá por meio do clítico e=. Já em (5), temos um transitivo e a concordância com o sujeito e o objeto dá-se por meio do ta= e do e= respectivamente. Em (6) temos o que neste trabalho considera-se uma subclasse de transitivos, um verbo inergativo. No exemplo, vemos que a concordância também ocorre por meio do ta=.

Na próxima seção (4.2) é explicado como chegamos à conclusão de que verbos inergativos são verbos transitivos, se considerarmos apenas a sua estrutura argumental, que possui um objeto incorporado a um verbo leve de forma cristalizada. Com base nisso, assumimos que os verbos inergativos possuem dois argumentos, um contabilizado a partir da estrutura argumental e outro, a partir da sintaxe sentencial, que entra depois na sentença. É por isso que em (6) temos uma tradução do tipo “ele faz trabalho”.

Em resumo, os sujeitos de verbos intransitivos são sempre marcados com o clítico e=, à semelhança do objeto de verbos transitivos, os sujeitos de verbos transitivos (incluindo-se os

inergativos, devido à sua estrutura argumental), são sempre marcados com o clítico ta=. Assim, visualizamos um alinhamento do tipo Ergativo. Com base nisso, construímos a Tabela 1, utilizando-se, para tanto, a notação de Dixon (1999).

#### 4.2. Verbos em yaathe

De acordo com a literatura precedente (COSTA, 1999, 2004, 2005), além dos verbos transitivos, bitransitivos e reflexivos (que possuem um prefixo reflexivo sa-cristalizado em sua raiz), há dois subtipos de verbos intransitivos: os ativos (inergativos) e os estativos (inacusativos).

Como vimos, verbos inacusativos são aqueles cuja concordância com o sujeito de 3SG ocorre por meio do e= prefixado à raiz verbal.

(7) yaathe (Costa, 1999)

e=kfakase

3SG;O=dormir:IND;PST

‘ele dormiu’

(8) yaathe (Costa, 1999)

otska e=kfakase

homem 3SG;S=dormir:IND;PST

‘o homem dormiu’

A concordância por meio do ta=, em intransitivas inacusativas, não é permitida:

(9) yaathe (Costa, 1999)

\*ta=kfakase

3SG;A=dormir:IND;PST

‘ele dormiu’

Inacusativos podem, além disso, sofrer um aumento de valência, ou causativização, por meio da sufixação do -ne.

- (10) yaathe (Costa, 1999)  
 yaded<sup>wa</sup> e=kfafa-ka  
 menino 3SG=dormir-IND  
 ‘o menino dorme’
- (11) yaathe (Costa, 1999)  
 otska yaded<sup>wa</sup> kfafa-**ne**-ka-se  
 homem menino dormir-CAUS-IND-PST  
 ‘o homem fez o menino dormir’
- (12) yaathe (Costa, 1999)  
 do:kʷa tʃhɔlɔ:-ka  
 panela estar.quente-IND  
 ‘a panela está quente’
- (13) yaathe (Costa, 1999)  
 otska do:kʷa tʃhɔl<sup>ʌ</sup>-**ne**-ka-se  
 homem panela está.quente-CAUS-IND-PST  
 ‘o homem fez a panela esquentar’

Em (11) e (13), é possível introduzir um novo argumento, o que coincide com a inserção do sufixo -ne. Além disso, os sujeitos de (10) e (12) passam a ser objeto em (11) e (13).

Já os verbos inergativos são aqueles que já trazem o morfema -ne afixado à raiz verbal. Segundo Costa (1999), são verbos de atividade. Além disso, recebem o ta= para concordar em número e pessoa com o sujeito de 3SG.

- (14) yaathe (Costa, 1999)  
 ta=faw-**ne**-ka-se  
 3SG=gritar-**VERB**-IND-PST<sup>5</sup>  
 ‘ele gritou’

---

<sup>5</sup> -ne é glosado ora como causativizador, ora como verbalizador, a depender do contexto.

Assumimos, com base na análise de Laka (1993) para o basco, que os inergativos são, na verdade, um subtipo de verbo transitivo, uma vez que trazem um verbo leve, o -ne, junto à sua raiz. Esta última se assemelha a um objeto incorporado (HALE; KEYSER, 1993), como evidenciam os dados abaixo:

(15) yaathe (Costa, 1999)  
kfedzɔ  
'mistura de alimentos'

(16) yaathe (Costa, 1999)  
kfedzõ-ne  
mistura.de.alimentos-VERB  
'comer alimentos misturados'

Ademais, outra evidência para considerar que -ne é um verbalizador e a raiz, um objeto, é o fato de que ele é utilizado em empréstimos do tipo descrito abaixo:

(17) yaathe (Costa, 1999)  
walaka  
'manga'

(18) yaathe (Costa, 1999)  
walaka-ne-ka  
manga-VERB-IND  
lit.: 'fazer manga'  
'mangar'

Mangar, em algumas variedades do pb, significa 'fazer graça de algo ou alguém'. Como esse verbo é homófono à manga (fruta), no pb, o falante faz o empréstimo por meio da sufixação do verbalizador na palavra manga em yaathe, walaka. Esse é um tipo de empréstimo comum nesse idioma, isto é, escolher uma palavra em yaathe cuja tradução para o pb é homófona à palavra em questão que se deseja emprestar. Por exemplo, Pedro, que é semelhante à pedra em pb, é Fowa 'pedra' em yaathe.

Sendo assim, dadas as evidências elencadas acima, consideramos que o yaathe possui verbos intransitivos de um só tipo e os transitivos, que podem ser canônicos ou inergativos.

Nesta dissertação, traremos relativas com verbos intransitivos (canônicos), transitivos (canônicos e inergativos) e bitransitivos. A transitividade dos verbos em yaathe, no entanto, não é uma matéria clara. Nesta dissertação, levamos em conta a estrutura argumental do verbo inergativo para caracterizá-lo como transitivo, isto é, o objeto incorporado ao verbo leve é contabilizado ao lado do argumento externo que entra posteriormente na sentença. É premente uma investigação aprofundada a respeito da transitividade dos verbos em yaathe.

### **4.3. Elementos relativos do yaathe**

#### **4.3.1. Afixos relativos nominalizadores do yaathe**

Na morfologia verbal das relativas aparecem sufixos que, segundo Costa (1999), são também marcas que levam o verbo para o particípio.

- (19) yaathe (Costa, 1999)  
 najĩ e=kafafa-dowa  
 quem 3SG=dormir-PART.ADJ.PAC.  
 ‘quem está dormindo?’  
 Lit.: ‘quem é o dormido’

Os verbos que aparecem na forma do particípio possuem todas as características de nome, como morfologia de determinação, número, gênero e caso, segundo a autora. Dois sufixos que entram na construção do particípio nos interessam aqui, o -ho e o -doa. Conforme Costa, o primeiro (resultativo) transforma em particípio verbos cujos sujeitos são mais agentivos, os verbos ativos (ex. 19). O segundo (não resultativo) transforma em particípio verbos estativos (ex. 20). A partir de agora chamaremos os morfemas do particípio que aparecem em relativas de afixos relativos (AR).

- (20) yaathe (Costa, 1999)  
 tʃanahe ɔtska ithlo we-**ho**-se  
 aquele:NPST homem cachorro matar-**AR(AG)**-PAST<sup>6</sup>  
 ‘aquele é o homem que matou o cachorro’
- (21) yaathe (Costa, 1999)  
 ɔtʃaʃkʲa ietʃ<sup>h</sup>le-**dowa**-se ijĩ khetekase  
 dinheiro perdi:1SG;3SG-**AF(DFT)**-PST meu.irmão:1SG achar:IND;PST  
 ‘o dinheiro que eu perdi meu irmão achou’

Sendo assim, os afixos relativos nominalizadores em yaathe são os seguintes:

**Tabela 2** - Afixos relativos nominalizadores.

	<b>Rel. Suj. Trans.</b>	<b>Rel Suj. Intrans.</b>	<b>Rel. Obj.</b>
<b>AR(DFT)</b>	-doa	-doa	-doa
<b>AR(AG)</b>	-ho/ -ø	?	*

A tabela sintetiza a distribuição dos afixos relativos nominalizadores em yaathe, o que será descrito com maior profundidade nas próximas seções. Em suma, -doa é o que denominaremos afixo relativo nominalizador default, pois aparece em todas os tipos de orações relativas. Já -ho é denominado afixo relativo nominalizador agente, pois aparece em relativas de sujeito transitivo, mas é, na maioria das vezes, barrado em relativas de sujeito intransitivo e relativas de objeto.

A concordância de gênero com o núcleo das relativas ocorre por meio de morfemas de gênero que se unem aos sufixos relativos.

**Tabela 3** - Concordância de gênero para verbos no particípio.

	<b>AR(AG)</b>	<b>AR(DFT)</b>
<b>Fem.</b>	-so	-~:kya
<b>Masc</b>	-ø	-ø

<sup>6</sup> O que chamamos de Afixo Relativo Agente é o Particípio Substantivo Agentivo de Costa (1999). O que chamamos de Afixo Relativo Default é o Particípio Adjetivo Paciente de Costa (1999).

No caso de verbos que trazem o morfema -ho, a concordância de gênero ocorre através da sufixação do -so:

- (22) inetkaka fliwa se tul-**ho-so**-se  
 quero:1SG velha REF cortar-**AR(AG)-F-PST**  
 ‘eu quero a velha que cortou o mato’

A concordância de gênero, no contexto em que o sufixo relativo é o -doa, por meio de -~:kya, pode ou não ocorrer. Há opcionalidade, sobretudo, na variedade de um dos falantes.

- (23) inetkaka walka ehiãne eei-doa-se  
 quero:1SG manga filha comeu:3SG-**AR(DFT)-PST**  
 ‘eu quero a manga que a filha comeu’

- (24) inetkaka walka jadedõ:kja efi**dõkjase**  
 inetkaka walka jadedõ:kja efi-**doa-~:kja-se**  
 quero:1SG manga menina comer-**AR(DFT)-F-PST**  
 ‘eu quero a manga que a menina chupou’

Por serem morfemas de participio e por virem acompanhados da informação de gênero, consideramos que esses elementos são afixos relativos nominalizadores, conforme caracterizado por De Vries (2002). Além disso, esses sufixos parecem carregar informação de Caso, uma vez que há algumas restrições em suas ocorrências relacionadas à função sintática do núcleo e, portanto, um alinhamento ocorrendo que reflete o alinhamento de sentenças simples, o que veremos em detalhe na seção 4.4.

#### 4.3.2. Pronomes resumptivos do yaathe

A diferenciação entre afixo de concordância e pronome resumptivo nem sempre é simples de ser feita (seção 3.4). Pronomes resumptivos podem ser pronomes demonstrativos ou pessoais, palavras ou clíticos. Eles também costumam estar in situ ou numa posição não

inicial, pois não têm traços-qu, o que os distingue de pronomes relativos (que, por portarem esse traço, são movidos). Estes últimos, assim como complementizadores, tendem a ser abstratos em orações relativas com afixos relativos.

O clítico de 3SG **ta=** que marca o argumento externo em sentenças simples (ver seções 4.1 e 4.2) aparece também em sentenças relativas. Normalmente, está em sua posição esperada, à esquerda do verbo.

- (25) inetkaka madjonkya ethayo **ta=el-ho-se**  
 quero:1SG morcego cavalo **3SG=morder-AR(AG)-PST**  
 ‘eu quero o morcego que mordeu o cavalo’

- (26) inetkaka efekhla fuli **ta=nan-doa-se**  
 quero:1SG velho rio **3SG=ver-AR(DFT)-PST**  
 ‘eu quero o velho que viu o rio’

Ele ocorre também em relativas de objeto, coindexado ao núcleo.

- (27) inetkaka **klekheyniso** otska **ta=fasa-doa-se**  
 quero:1SG onça homem **3SG=caçar-AR(DFT)-PST**  
 ‘eu quero a onça que o homem caçou’

E é opcional:

- (28) inetkaka yadedonkya maltxi **ta=ehen-doa-se**  
 quero:1SG menina milho **3SG=plantar-AR(DFT)-PST**  
 ‘eu quero a menina que plantou o milho’

- (29) inetkaka yadedonkya maltxi ehen- doa-se  
 quero:1SG menina milho plantar-AR(DFT)-PST  
 ‘eu quero a menina que plantou o milho’

Nessas situações, consideramos que o **ta=** segue sendo concordância de número e pessoa com o núcleo da oração relativa. Ele ocupa sua posição habitual e não apresenta uma

leitura anafórica como veremos que é possível, no caso dos pronomes que aparecem em relativas de objeto indireto. Além disso, é possível perceber que o alinhamento ergativo visível através da ocorrência dos clíticos, em sentenças simples, se perde em relativas, já que o *ta=* tem aparecido para marcar tanto objetos como sujeitos transitivos e intransitivos, isto é, se relacionando a sintagmas em todas as funções sintáticas. Vimos anteriormente que o *ta=* só aparecia para marcar sujeitos transitivos de sentenças simples, sendo agramatical a sua utilização na marcação de sujeitos intransitivos ou objetos:

Mas o *ta=* também aparece pós-posicionado, quando em sentenças relativas de objeto indireto:

- (30) *inetkaka jaded<sup>wa</sup> ta=ke efekla et<sup>h</sup>lujane ko-doa-se*  
 quero:1SG menino 3SG=POSTP velho bola dar-AR(DFT)-PST  
 ‘eu quero o menino que o velho deu a bola’

No exemplo acima, *take* aparece na segunda posição da relativa, logo após o núcleo. Ao traçar um paralelo com uma sentença bitransitiva simples, o objeto indireto está normalmente na mesma posição, a segunda:

- (31) *yaathe* (Costa, 1999)  
*ta= i=ke otʃaʃkʷa ko-de-ka-se*  
 3SG 1SG=POSTP dinheiro dar-NEG-IND-PST  
 ‘ele não me deu dinheiro’<sup>7</sup>

Ademais, em relativas de objeto indireto, o complexo *ta=* + pós-posição aparece em diferentes posições.

---

<sup>7</sup> O objeto indireto também pode aparecer na posição final da sentença, como em *efekla ethluliãne kokase hle yadedonkya ke* ‘o velho já deu a bola ao menino’. O *yaathe* possui duas posições possíveis do objeto indireto em bitransitivas. Costa (1999) faz uma analogia com as bitransitivas do inglês, cujo objeto indireto pode aparecer tanto em posição final como logo após ao verbo, sendo que sem a pré-posição:

(i) *I gave her a book*

(ii) *I gave a book to her*

Obviamente, o inglês e o *yaathe* possuem uma diferença no que diz respeito à posição dos constituintes, o que traz implicações para a posição dos argumentos internos em relação ao verbo. Mas a analogia é possível se desconsiderarmos tal fato. No entanto, como o argumento interno do *yaathe* aparece com pós-posição em ambas as posições que pode ocupar, isso sugere que o motivo para essa variação em relação à ordem se deva a outros fatores, como o fonológico. Isto é, objetos indiretos maiores ou mais complexos tendem a aparecer em posição final. Essa é apenas uma hipótese levantada.

- (32) i= netkaka jaded<sup>wa</sup> efekla **ta=ke** et<sup>h</sup>luljane ko-doa-se  
 1s= quero menino velho **3s=POSTP** bola dar-AR(DFT)-PST  
 ‘eu quero o menino que o velho deu a bola’
- (33) i= netkaka tfaj jadedõ:kja makaj **ta=de** kajã:-do-a-se  
 1s= quero mulher menina badoque **3s=POSTP** ganhar-AR(DFT)-PST  
 ‘eu quero a mulher de quem a menina ganhou o badoque’

No exemplo (31), ele aparece depois do objeto direto, na terceira posição. No exemplo (32), ele aparece logo à esquerda do verbo da relativa, na quarta posição, enquanto o objeto direto fica à sua esquerda.

Além disso, é importante ressaltar que para relativas de objeto indireto o falante pode apresentar uma tradução livre que se assemelha a uma relativa resumptiva do português brasileiro:

- (34) i= netkaka tfaj jadedõ:kja **ta=de** makaj kaiã:-do-a-se  
 1s= quero mulher menina **3SG=POSTP** badoque ganhar-AR(DFT)-PST  
 ‘eu quero a mulher de quem a menina ganhou o badoque (dela)’

Não há casos em que o clítico *ta* + pós-posição não ocorre em relativas de objeto indireto.

Em suma, as versões de *ta=* com pós-posições ocorrem *in situ* e em diferentes posições, iniciais ou não. Mesmo em situações em que estão em posição inicial na relativa, no caso das relativas de objeto indireto, podemos traçar facilmente um paralelo entre relativas e sentenças simples quanto à posição do pronome e do objeto indireto respectivamente. Ou seja, a posição inicial não seria resultado de um possível alçamento para aquela posição, mas uma posição onde tal elemento já costuma surgir e no qual se apresenta prototipicamente. Por esse motivo, optamos por tratar os exemplares de *ta*+pós-posição como pronomes resumptivos do *yaathe*. Eles aparecem apenas em relativas de objeto indireto.

É notável, além disso, que os pronomes resumptivos podem coocorrer com o *-do-a*. Pronomes relativos (um caminho descritivo possível) não costumam coocorrer com os afixos relativos, a não ser abstratamente. É rara a sua coocorrência com afixos relativos, segundo De Vries (2002).

Em suma, *ta=* é um clítico pronominal que acontece como concordância nas relativas de uma maneira geral, à exceção de relativas de objeto indireto, onde funciona como pronome resumptivo, em combinação com pós-posições, para se referir anaforicamente ao objeto indireto.

#### 4.4. A morfologia das orações relativas do *yaathe*

Nas seções precedentes, revisamos os elementos morfológicos que aparecem em orações relativas do *yaathe*, isto é: os clíticos de concordância de número e pessoa. Além disso, apresentamos os afixos relativos nominalizadores e os pronomes resumptivos que constituem a morfossintaxe das orações relativas da língua em foco. Agora, passamos a elaborar uma descrição dessas construções, com foco em cada tipo, com base na função sintática do núcleo. Este é o objetivo da presente seção.

##### 4.4.1. Relativas de sujeito transitivo

Em relativas de sujeito transitivo, cujo núcleo é do gênero masculino, o afixo relativo utilizado é o *-ho*, a marca de gênero, *-ø*:

- (25) *inetkaka it<sup>h</sup>lo dukeŋkja lae-ho-ø-se*  
 quero:1SG;IND cachorro prato quebrar-AR(AG)-M-PST  
 ‘eu quero o cachorro que quebrou o prato’

E a seguir um exemplo de relativa de sujeito de gênero feminino:

- (26) *inetkaka jadedõ:kja maltŋĩ kã-ho-so-se*  
 quero:1SG;IND menina milho plantar-AR(AG)-F-PST  
 ‘eu quero a menina que plantou o milho’

O sufixo relativo utilizado é o *-ho*, a marca de concordância de gênero com o núcleo, *-so*. Veremos, conforme a Tabela 1, que o sufixo *-do* também aparece no contexto de relativas de sujeito transitivo (seção 4.4.5).

Já no exemplo a seguir, temos um alomorfe do sufixo relativo ergativo -ho, o -ø, e a concordância de gênero feminino em seguida, através do sufixo de gênero feminino -so:

- (27) inetkaka        sea    utʃi    klokone-ø-so-se  
 quero:1SG;IND moça carne cozinhar-AR(AG)-F-PST  
 ‘eu quero a moça que cozinhou a carne’

A marca de gênero feminino pode ocorrer tanto com o -ho, como com o sufixo relativo vazio, mas a marca de gênero masculina acontece apenas no contexto de -ho, ou seja, não é possível a coocorrência dos dois sufixos vazios, o relativo e o de gênero masculino.<sup>8</sup>

Há também os verbos inergativos, que assumimos que são um subtipo de verbos transitivos (voltar para a seção 4.2). Nesse contexto, o sufixo utilizado também é o -ho.

- (28) inetkaka        jadedwa fawne-ho-se  
 quero:1SG;IND menino fazer.grito-AR(AG)-PST  
 ‘eu quero o menino que fez grito’

Verbos inergativos são verbos que possuem tipicamente o verbalizador -ne afixados em sua raiz. Além disso, na terceira pessoa do singular, eles costumam ocorrer com o clítico ta= (ver seção 4.2). Quando relativizados, o afixo relativo nominalizador escolhido é o -ho, como aponta o exemplo acima.

Além disso, a concordância de gênero ocorre normalmente em relativas com esses verbos, conforme exemplo (29):

- (29) inetkaka        jadedøkja fune-ø-so-se  
 quero:1SG;IND menina fazer.sopro-AR(AG)-F-PST  
 ‘eu quero a menina que fez sopro’

No exemplo (29), o verbo da relativa recebe o afixo relativo nominalizador agente, o alomorfe -ø, enquanto o morfema de gênero feminino -so o segue.

Ademais, também é possível que os verbos em -ne, assim como os transitivos canônicos, ocorram com o sufixo -doa:

---

<sup>8</sup> Uma interpretação possível é que -so se funde ao afixo relativo agente nas variantes em que aparece sozinho.

- (30) inetkaka jadedwa fɛlne-doa-se  
 quero:IND;1SG menino fazer.brincadeira-AR(AG)-PST  
 ‘eu quero o menino que fez brincadeira’

Ou seja, os inergativos, ao ocorrerem em sua versão relativa, podem também receber o afixo relativo nominalizador default, o -doa. Nota-se que o contrário não é possível. Isto é, o inacusativo não pode receber o sufixo -ho. Tais fatos vão ao encontro da interpretação de que verbos inergativos, em yaathe, são na verdade um subtipo de verbo transitivo e os inacusativos, os verdadeiros transitivos. Afinal, verbos transitivos podem ser relativizados pela inserção de -doa e -ho.

#### 4.4.2. Relativas de sujeito intransitivo

Em relativas de sujeitos de verbos intransitivos, o sufixo relativo utilizado é o -doa:

- (31) inetkaka dokeʃkja etʃ<sup>h</sup>-dʒoa-se<sup>9</sup>  
 quero:1SG;IND prato quebrar-AR(DFT)-PST  
 ‘eu quero o prato que quebrou’

Concordância de gênero do verbo com o núcleo da relativa também pode acontecer:

- (32) inetkaka tʃaj et<sup>h</sup>dõkjase  
 inetkaka tʃaj et<sup>h</sup>-doa-~:kja-se  
 quero:1SG;IND mulher morrer-AR(DFT)-F-PST  
 ‘eu quero a mulher que morreu’

A ocorrência do -ho com verbos intransitivos é, sobretudo para um dos falantes, agramatical:

- (33) \*inetkaka tʃaj e-tʃi-ho-so-se

<sup>9</sup> -dʒoa é um alomorfe de -doa, utilizado no contexto em que a sílaba precedente tem na posição de ataque os segmentos -tʃ ou -dʒ.

quero:1SG;IND mulher 3SGchegar-AR(AG)-F-PST  
 ‘eu quero a mulher que chegou’

Mas há exceções na variedade do outro falante, isto é, houve ocorrências de verbos intransitivos com o afixo -ho, a exemplo de kfafaka ‘dormir’:

(34) inetkaka                      jadedõ:kja kfafa-ho-so  
 quero:1SG;IND1s= quero menina      dormir-AR(DFT)-F  
 ‘eu quero a menina que dorme’

Uma hipótese possível para o comportamento em (34) é que esse tipo de verbo não seria inacusativo (e intransitivo) na variedade do falante em questão. O falante que não aceita a inserção de -ho nesse tipo de verbo, por outro lado, segue entendendo-o como intransitivo/inacusativo. Ele tem uma variedade com menos opcionalidade e variação de um modo geral e os subtipos de verbo também apresentam um comportamento mais sistemático e invariável. Para chegarmos a uma generalização quanto aos verbos intransitivos do yaathe, portanto, seguimos a variedade em que -ho não é permitido em verbos intransitivos, gerando sentenças agramaticais como aquela em 33.

#### 4.4.3. Relativas de objeto

Em relativas de objeto cujo núcleo é masculino, temos o sufixo relativo -doa seguido do morfema de gênero masculino:

(35) inetkaka      fuli efekla etko-doa-ø-se  
 quero:1SG;IND rio    velho entrar-AR(DFT)-M-PST  
 ‘eu quero o rio que o velho entrou’

E em relativas de objeto de gênero feminino, temos o -doa seguido do morfema de gênero feminino -~:kya:

(36) inetkaka walka jadedõ:kja eĩđõ:kjase  
 i= netkaka walka jadedõ:kja eĩ-doa-~:kja-se

1s= quero manga menina chupar-AR(DFT)-PST  
 ‘eu quero a manga que a menina chupou’

-dõ:kya resulta da junção do afixo relativo -doa com o sufixo feminino complexo -~:kya. Silva (2016, p. 75) descreve a construção deste último morfema. Segundo a autora, ele resultaria da junção dos morfemas de gênero feminino, -ne, e do indicativo, -ka, respectivamente. E da aplicação de certos processos fonológicos, a saber: o prolongamento e assimilação do traço de nasalidade da sílaba anterior ao -ne, decorrentes da queda do segmento /n/, bem como a palatalização de /k/, decorrente do apagamento de /e/. Ainda segundo a autora, a evidência para essa formação tal como ela descreve seria o fato de que sílabas nasais prolongadas, em yaathe, sempre decorrem da queda do segmento /n/ do sufixo -ne (seja ele o sufixo de gênero feminino ou o sufixo verbalizador/causativizador, ambos homófonos). Essa é uma hipótese possível, visto que recorre a processos fonológicos e morfemas que de fato existem na língua. Porém, não é claro se -kya seria um alomorfe do morfema do indicativo, uma vez que as relativas geralmente não aceitam modo (ver seção 5.3). Se de fato se trata do indicativo, é possível hipotetizar que -ho e -doa teriam naturezas distintas, uma vez que o primeiro permite indicativo e o segundo, não.

Como já vimos, no caso de relativas de objeto, a concordância com o gênero feminino pode ou não ocorrer, sendo sua ocorrência menos obrigatória do que a concordância de gênero em relativas de sujeito que portam o sufixo -ho:

(37) inetkaka walka ehiãne e=ei-doa-se  
 quero:1SG;IND manga filha 3SG=comer-AR(DFT)-PST  
 ‘eu quero a manga que a filha comeu’

Fato importante é que o afixo relativo -ho também não é permitido em relativas de objeto direto, como exemplifica a agramaticalidade do exemplo abaixo:

(38) \*inetkaka fuli efekhla einow-ho-se  
 quero:1SG;IND rio velho atravessar-AR(AG)-PST  
 ‘eu quero o rio que o velho atravessou’

Em suma, o afixo relativo agente não se combina com verbos em relativas de objeto e de sujeito intransitivo. Há exceções, pois na variedade de um dos falantes entrevistados é possível que o agente ocorra com verbos intransitivos. No entanto, ele nunca aconteceu em relativas de objeto, com nenhum dos falantes.

#### 4.4.4. Relativas de objeto indireto

-doa também é o sufixo relativo utilizado em relativas de objeto indireto. Nesse caso, também a concordância de gênero pode ou não ocorrer, como é visto no exemplo abaixo:

- (39) inetkaka        jadedonkya    efekla ta=ke        ethluliane ko-doa-~:kya-se hle  
 quero:1SG;IND menina        velho 3SG=POSTP bola        eu-AR(DFT)-PST ADV  
 ‘eu quero a menina a quem o velho já deu a bola’

- (40) inetkaka        tfaj        jadedõ:kja ta=de        makaj        kaiã:-doa-se  
 quero:1SG;IND mulher menina        3SG=POSTP badoque ganhar-AR(DFT)-PST  
 ‘eu quero a mulher de quem a menina ganhou o arco e flecha (dela)’

#### 4.4.5. Sufixo relativo default

Vimos que o -doa tem sido utilizado também em relativas de sujeito, a despeito do subtipo. Isto é, ele aparece em relativas de sujeito transitivo (canônico ou inergativo) (exs. 41 e 42) e em relativas de sujeito intransitivo (ex.43).

- (41) inetkaka        se:a        utfi k<sup>h</sup>lok-doa-se  
 quero:IND;1SG moça carne cozinhar-AR(DFT)-PST  
 ‘eu quero a moça que cozinhou a carne’

- (42) inetkaka        jadedwa    fɛl-ne-doa-se  
 quero:IND;1SG menino brincar-VERB-AR(DFT)-PST  
 ‘eu quero o menino que brincou’

- (43) i netkaka        ɔtska    ejtʃi-dʒoa-se  
 quero:IND;1SG homem chegar-AR(DFT)-PST  
 ‘eu quero o homem que chegou’

A concordância com o gênero do núcleo, no contexto de -doa, é sempre opcional. Por aparecer tanto em relativas de objeto direto e indireto como em relativas de sujeito transitivo e intransitivo, com ou sem concordância de gênero (que passa a ser opcional), consideramos -doa um sufixo relativo default (ver Tabela 2).

Em resumo, o yaathe possui afixos relativos nominalizadores, cujas formas dependem da função sintática do núcleo e que podem ou não concordar em gênero com o núcleo da relativa. Em relativas de sujeito transitivo, os verbos recebem o sufixo -ho ou o seu alomorfe, o -ø. Nelas, a concordância de gênero com o núcleo da relativa ocorre por meio do -so, para o feminino, e do -ø, para o masculino. Mas este último só pode ocorrer no contexto de -ho. A coocorrência entre sufixo relativo -ø e a concordância de gênero masculino -ø não é possível.

Relativas de objeto e relativas de sujeito intransitivo ocorrem com o sufixo relativo -doa. A concordância de gênero feminino, nesse caso, se dá com o sufixo -~:kya. A concordância de gênero masculino com o núcleo ocorre também por meio de um morfema vazio. Como acabamos de ver, nesse contexto, a concordância de gênero é opcional. Nessas construções, o afixo relativo agente não ocorre, sendo sua ocorrência agramatical em relativas de objeto e quase sempre agramatical em relativas de sujeito intransitivo (sobretudo na variedade de um dos falantes entrevistados).

As orações relativas apresentam um alinhamento ergativo quanto aos seus afixos relativos, uma vez que o -ho só é permitido em relativas de sujeito transitivo e é barrado em relativas de objeto e de sujeito intransitivo, que escolhem somente o -doa.

Este último é um afixo relativo nominalizador default e ocorre tanto em relativas de sujeitos transitivos (sejam eles sujeitos transitivos canônicos ou inergativos), como em relativas de objeto e sujeito intransitivo. O sufixo default não pede concordância de gênero, que é opcional.

#### 4.4.6. Concordância de gênero com o argumento não nuclear da relativa

É possível, no entanto, que a concordância de gênero ocorra não com o núcleo, mas com o outro argumento da sentença relativa transitiva. Vejamos alguns exemplos a seguir. No primeiro deles, ocorre a marcação de gênero convencional, com o núcleo:

- (44) inetkaka       jadedwa makhay tase-doa-se  
 quero:1SG;IND menina   badoque esconder-AR(DFT)-PST  
 ‘eu quero o menino que escondeu o badoque’

No segundo, a marcação de gênero se refere ao gênero do objeto e não, ao do sujeito, muito embora essa seja uma relativa de sujeito:

- (45) inetkaka       jadedwa makhay tasedōkyase  
 inetkaka       jadedwa makhay tase-doa-~:kya-se  
 quero:1SG;IND menino   badoque esconder-AR(DFT)-F-PST  
 ‘eu quero o menino que escondeu o badoque’

No exemplo a seguir, a concordância com o argumento não nuclear fica ainda mais clara, uma vez que são utilizados os termos *otska* ‘homem’ (núcleo) e *tʃaj* ‘mulher’:

- (46) inetkaka       otska   tʃaj   ejtʃinedōkjase  
 inetkaka       otska   tʃaj   ejtʃine-doa-~:kja-se  
 quero:1SG;IND homem mulher chamar-AR(DFT)-F-PST  
 ‘eu quero o homem que chamou a mulher’

Nesse exemplo, *otska* é o núcleo da relativa de sujeito, no entanto a concordância de gênero se dá com o objeto da oração, *tʃaj*. A concordância de gênero ocorreria, automaticamente, com o argumento interno da oração subordinada, no contexto em que o sufixo relativo utilizado é o default.

## 4.5. Sintaxe das orações relativas do yaathe

### 4.5.1. Ordem dos constituintes

As relativas de sujeito e de objeto apresentam, cada uma, duas ordens: uma mais frequente (que chamaremos de prototípica) e uma outra, menos frequente (ordem com núcleo in situ). Relativas de sujeito possuem as ordens SOV e OSV (núcleo in situ); as de objeto possuem as ordens OSV e SOV (núcleo in situ). As ordens com núcleo in situ, que são também as menos frequentes, são ambíguas. Nas próximas seções cada ordem será exemplificada, além de se discutir um pouco do contexto morfológico relativo a orações relativas com núcleo in situ. A presença do afixo relativo nominalizador default, o -doa, é o contexto morfológico em que as ordens ambíguas ocorrem.

#### 4.5.1.1. Relativas de sujeito transitivo

As orações relativas de sujeito transitivo possuem, sobretudo, a ordem SOV. Nesta seção, os núcleos estão em negrito:

- (47) i= netkaka [it<sup>h</sup>lo dukeʃkja laehose]  
 eu quero [cachorro prato quebrou]  
 S V [SREL OREL VREL]  
 ‘eu quero o cachorro que quebrou o prato’

Em (45), it<sup>h</sup>lo ‘cachorro’, sujeito da oração, é o núcleo e aparece em sua periferia esquerda.

Também há uma ordem menos prototípica para relativas de sujeito, a OSV:

- (48) i= netkaka [tafkexkya **klekeyniso** ewdoase]  
 eu quero [gato **onça** matou]  
 S V [OREL SREL(núcleo) VREL]  
 ‘eu quero a onça que matou o gato’

Acima, temos uma oração relativa de sujeito cuja ordem é OSV. A sua tradução foi dada pelo falante quando apresentamos sentenças escritas em yaathe e pedimos que ele traduzisse.

Há apenas um exemplo de coocorrência entre ta= e -ho. No restante das sequências testadas, a coocorrência gerava uma sequência agramatical, como se vê nos exemplos repetidos abaixo:

- (49) \*i= netkaka [**jadedonkya** maltxi ta=ehẽ-ho-se]  
 eu quero [**menina** milho 3SG=plantar-AR(AG)-PST]  
 S V [SREL OREL VREL]  
 ‘eu quero a menina que plantou o milho’

- (50) i= netkaka [jadedonkya maltxi ta=ehẽ-doa-se]  
 eu quero [**menina** milho 3SG=plantar-AR(DFT)-PST]  
 S V [SREL OREL VREL]  
 ‘eu quero a menina que plantou o milho’

Relativas cujo verbo recebe o afixo relativo nominalizador agente, o -ho, possuem somente a ordem SOV.

Sendo assim, relativas de sujeito cujo sufixo relativo é -ho possuem unicamente a ordem SOV e, além disso, elas não permitem a realização da concordância com o clítico ta=. Nesse caso, o núcleo não está in situ, mas sim na periferia esquerda da oração.

#### 4.5.1.2. Relativas de objeto direto

As relativas de objeto direto têm a ordem prototípica OSV.

- (51) i= netkaka [**dokefekja** tafkfejkja lajdzoase]  
 eu quero [**prato** gato quebrou]  
 S V [OREL SREL VREL]  
 ‘eu quero o prato que o gato quebrou’

E também uma ordem menos frequente, SOV, ambíguas a relativas de sujeito. Ou seja, a sentença abaixo também poderia ser traduzida como “eu quero a mulher que esquentou a água”.

- (52) i= netkaka [txay **ooya** ta=txolnedoase]  
 eu quero [mulher **água** 3s=esquentou]  
 S V [SREL **O**REL VREL]  
 ‘eu quero a água que a mulher esquentou’

Relativas de objeto não acontecem com o afixo relativo agente, o -ho. Elas apenas recebem o sufixo default. Sendo assim, as orações relativas de objeto em ambas as ordens só acontecem com -doa.

#### 4.5.1.3. Relativas de objeto indireto

A ordem mais frequente em relativas de objeto indireto é a OInd S O V, variando apenas quanto à posição do pronome resumptivo.

- (53) i= netkaka [**jaded<sup>w</sup>a** efekla ta=ke et<sup>h</sup>luljane kodoase]  
 eu quero [**menino** velho 3SG=POSTP bola deu]  
 S V [**O**BLREL SREL OREL VREL]  
 ‘eu quero o menino a quem o velho deu a bola para ele’

O objeto direto aparece sempre à esquerda do verbo e o objeto indireto, na periferia esquerda da oração relativa. A posição mais frequente do pronome resumptivo foi à esquerda do objeto direto, como no exemplo acima, justo uma das posições possíveis do objeto indireto em sentenças simples. A frequência com que o complexo ta=pós-posição ocorre nessa posição dá respaldo à sua descrição como pronome resumptivo (ver seção 4.3.2).

#### 4.5.1.4. Relativas de sujeito intransitivo

A ordem mais frequente no caso de relativas de sujeito intransitivo é a S V.

- (54) i= netkaka [**dokef**kja et<sup>h</sup>dʒoase]  
 eu quero [**prato** quebrou]  
 S V [SREL VREL  
 ‘eu quero o prato que quebrou’

#### 4.5.2. Posição do advérbio

Em yaathe, o advérbio aparece na morfologia, afixado ao verbo:

- (55) se:a utʃi k<sup>h</sup>lokne-se-**hle**-do  
 moça carne cozinhar-PST-ADV-CONF  
 ‘a moça já cozinhou a carne’

O exemplo acima pertence à variedade de um dos falantes, que produziu o advérbio morfologicamente em todas as vezes. Mas há também a possibilidade de ele ocorrer analiticamente.

Em termos tipológicos, o yaathe se revela uma língua de núcleo final. Já sabemos que é uma língua de pós-posições, verbo na periferia direita e de ordem possuidor-possuído (ver Capítulo 1). Quanto à posição do advérbio *hle* ‘já’, em sua forma analítica, ele aparece também na periferia direita das sentenças. Veja-se os exemplos trazidos abaixo. No exemplo (58), vê-se uma sentença transitiva simples:

- (56) se:a utʃi k<sup>h</sup>lokwase **hle**  
 moça carne cozinhou ADV  
 ‘a moça já cozinhou a carne’

Nos dois seguintes temos uma sentença inergativa e uma inacusativa respectivamente:

- (57) jaded<sup>w</sup>a fe:tõ:kyase **hle**  
 menino trabalhou ADV  
 ‘o homem já trabalhou’

- (58) tʃaj et<sup>h</sup>kwase **hle**

mulher morreu **ADV**  
 ‘a mulher já morreu’

Nelas, o advérbio também acontece no final da sentença.

Outras posições do advérbio não são permitidas, como demonstram as agramaticalidades abaixo:

(59)

(a) \*se:a utfĩ **hle** k<sup>h</sup>lokwase  
 moça carne **ADV** cozinhou  
 ‘a moça já cozinhou a carne’

(b) \*se:a **hle** utfĩ k<sup>h</sup>lokwase  
 moça **ADV** carne cozinhou  
 ‘a moça já cozinhou a carne’

(c) \***hle** se:a utfĩ k<sup>h</sup>lokwase  
**ADV** moça carne cozinhou  
 ‘a moça já cozinhou a carne’

No entanto, houve um caso em que o advérbio apareceu numa posição não final. Esse é o caso da relativa abaixo, que permite que o advérbio fique à esquerda do verbo:

(60) jaded<sup>wa</sup> **hle** fawne-ho  
 menino **ADV** gritar-AR(AG)  
 ‘o menino quem vai gritar agora’

A sentença, contudo, está no futuro e, por isso, o verbo não traz o morfema de tempo passado. Tal ocorrência fortalece a hipótese com a qual iremos trabalhar na proposta de análise: o advérbio modifica o verbo, à maneira de Pollock (1989) e, no caso em questão, é um adjunto de VP. Uma vez que o verbo não é alçado para checar traços de tempo, em Spec;IP, a ordem S Adv V é gerada.

O advérbio, ao modificar a oração relativa, também só é permitido em posição final:

- (61) i= netkaka se:a ut̃fi k<sup>h</sup>lokdoase **hle**  
 eu quero moça carne cozinhou **ADV**  
 ‘eu quero a moça que já cozinhou a carne’

Outras posições, mantendo-se a tradução acima, são agramaticais:

- (62)
- (a) \*i= netkaka se:a ut̃fi **hle** k<sup>h</sup>lokdoase  
 eu quero moça carne **ADV** cozinhou  
 ‘eu quero a moça que já cozinhou a carne’
- (b) \*i= netkaka se:a **hle** ut̃fi k<sup>h</sup>lokdoase  
 eu quero moça **ADV** carne cozinhou  
 ‘eu quero a moça que já cozinhou a carne’
- (c) \*i= netkaka **hle** se:a ut̃fi k<sup>h</sup>lokdoase  
 eu quero **ADV** moça carne cozinhou  
 ‘eu quero a moça que já cozinhou a carne’
- (d) \*i= **hle** netkaka se:a ut̃fi k<sup>h</sup>lokdoase  
 eu **ADV** quero moça carne cozinhou  
 ‘eu quero a moça que já cozinhou a carne’
- (e) \***hle** i= netkaka se:a ut̃fi k<sup>h</sup>lokdoase  
**ADV** eu quero moça carne cozinhou  
 ‘eu quero a moça que já cozinhou a carne’

Outra hipótese de que lançaremos mão em nossa análise também continua interessante, frente aos dados até aqui: orações relativas, embora apresentem características nominais, também possuem características oracionais, a exemplo da modificação adverbial. E, além disso, o movimento do verbo devido a traços oracionais também se mantém em orações relativas.

Entretanto, se o advérbio modifica a sentença matriz, então duas posições são

possíveis. A primeira é aquela já esperada, a posição final da sentença matriz (ex. 65). Quanto à segunda, o advérbio modifica a sentença matriz, mas aparece à direita do núcleo da relativa e não ao final da matriz, como seria esperado.

- (63) i= netkaka **txay** **hle** ooya txolnedoase  
 eu quero **mulher** **ADV** água esquentou  
 ‘agora eu quero a mulher que esquentou a água’

Tal posição é possível tanto para relativas de sujeito, a exemplo do dado acima, como para relativas de objeto, como no exemplo abaixo:

- (64) i= netkaka **tafkexkya** **hle** klekeyniso ewdoase  
 eu quero **gato** **ADV** onça matou  
 ‘agora eu quero o gato que a onça matou’

#### 4.5.2.1. Posição do advérbio em relativas bitransitivas

Já em orações bitransitivas simples, o advérbio ocorre na penúltima posição. O objeto indireto, seguido por pós-posição, aparece na posição final:

- (65) efekla ethluliâne kokase **hle** **yadedonkya** **ke**  
 velho bola deu **ADV** **menina** **POSTP**  
 ‘o velho já deu a bola ao menino’

No caso de orações relativas, há o mesmo comportamento dos demais tipos de relativas transitivas. Tanto para relativas em que o elemento pivot é o objeto indireto (ex. 66) como em relativas em que o pivot é o objeto direto (ex. 67), o advérbio aparece na posição final.

- (66) i= netkaka jadedonkya efekla ta=ke ethluliane kodonkyase **hle**  
 eu quero menina velho 3SG=POSTP bola deu **ADV**  
 ‘eu quero a menina a quem o velho já deu a bola’

- (67) i= netkaka ethluliãne efekla jadedonkya ke kodonkyase **hle**  
 eu quero bola velho menina POSTP deu **ADV**  
 ‘eu quero a bola que o velho já deu à menina’

Outras ordens, tendo em vista a modificação da oração subordinada, também não eram aceitas, à semelhança de sentenças transitivas. Mas também foi possível, no caso de advérbio modificando a sentença matriz, a ordem em que o núcleo da relativa é separado da oração pelo advérbio, isto é:

- (68) i= netkaka efekla **hle** otska ta=de makhay eindoase  
 eu quero velho **ADV** homem 3SG=POSTP badoque recebeu  
 ‘eu agora quero o velho que recebeu o badoque do homem’

Essa ordem é um ponto de inflexão para a derivação em alçamento. Ela sugere que o núcleo deve surgir dentro da matriz e não, como prevê a análise de promoção antissimétrica, surgir na relativa e ser alçado para matriz. Pois, para tanto, ela deveria ultrapassar um advérbio e entrar no  $vP$ -VP pertencente à matriz.

Entretanto, uma vez que essa é uma sequência menos aceitável, para o falante, do que aquela com advérbio final da matriz, pode-se hipotetizar que se trata de uma sentença marcada, que ocorre em certo contexto discursivo. O núcleo, que estaria num lugar fronteiroço da estrutura sintática (seção 5.3), conseguiria sair dela para ser topicalizado, em contextos específicos de fala.

Para além disso, o yaathe é uma língua de ordem prototípica SOV e, ao se considerar que o núcleo surge no interior da relativa, era de se esperar que ele seria alçado para sua posição canônica. Nas sentenças trazidas, no entanto, temos a ordem SVO na matriz:

- (69) i= **netkaka txay** hle [ooya txolnedoase]  
**eu quero mulher** já [água esquentou]  
**S V O;SREL Adv** [OREL VREL]  
 ‘agora eu quero a mulher que esquentou a água’

A ordem da sentença matriz, SVO, que não é a prototípica esperada, soma forças à hipótese de que o núcleo estaria sendo movido para uma posição externa, de topicalização, um Spec;CP fora da relativa, em contexto específico de fala.

#### 4.6. Conclusões

Neste capítulo apresentamos os resultados da investigação sobre orações relativas do yaathe. Introduzimos dois aspectos da gramática do yaathe que facilitam a compreensão dos dados e a sua descrição. Primeiramente, apresentamos os clíticos de concordância de pessoa e número e como eles podem elucidar um comportamento ergativo. O alinhamento é visível quando os argumentos estão na terceira pessoa do singular, pois o yaathe apresenta duas formas distintas a depender do subtipo de verbo, ta= para argumentos ergativos (concordância para sujeito de verbos transitivos) e e= para argumentos absolutivos (concordância para sujeitos intransitivos e objetos). Em segundo lugar, elucidamos alguns dos tipos de verbos existentes na língua, a saber: os transitivos canônicos, os inergativos e os inacusativos. Inergativos são verbos que portam em sua morfologia um verbo leve, o -ne, que se liga a um objeto, que consideramos estar incorporado. Sendo assim, com base na análise de Laka (1993) para o basco, propusemos que os inergativos em yaathe são, na verdade, um subtipo de verbo transitivo.

Seguindo a classificação de De Vries (2002), o yaathe possui alguns elementos relativos. São eles: os pronomes resumptivos de relativas de objeto indireto, tade e take; e os afixos relativos nominalizadores -doa e -ho, os quais recebem morfemas de concordância de gênero feminino, - ~:kya e -so respectivamente. Os afixos relativos são sufixos que transformam o verbo em participio. Em sua tese, Costa (1999) os denomina resultativo e não resultativo respectivamente. -doa é o que interpretamos como sufixo relativo nominalizador default, pois ele aparece em relativas de sujeito transitivo e intransitivo e em relativas de objeto direto e indireto, isto é, ele pode estar presente em relativas de núcleos com qualquer função sintática. Já o -ho é o que interpretamos como sufixo relativo Ergativo, ele aparece apenas em relativas de sujeito transitivo e não pode ocorrer em todos os outros casos, isto é, em relativas de sujeito intransitivo e relativas de objeto direto e indireto. Lembrando que, sob a ótica adotada, verbos inergativos são um subtipo de verbo transitivo.

Quanto à sintaxe das orações relativas, vimos que relativas de sujeito transitivo têm a ordem SOV (mais prototípica) e OSV (menos prototípica); esta última ocorre apenas no contexto de -doa e é ambígua a relativas de objeto. Relativas de objeto têm a ordem OSV (mais prototípica) e SOV (menos prototípica), esta última também ambígua a relativas de sujeito que portam o afixo -doa. Não é possível a coocorrência entre o clítico de concordância ta= e -ho, que é agramatical. Em resumo, quanto à ordem obtivemos os seguintes templates para relativas com verbo transitivo:

### **Relativas de sujeito**

**Núcleo fronteado:** S O V-ho

**Núcleo in situ:** S O (ta=)V-doa

**Núcleo in situ:** O S V-doa

### **Relativas de objeto**

**Núcleo fronteado:** O S (ta=)V-doa

**Núcleo in situ:** S O (ta=)V-doa

Para relativas de objeto indireto, os dados foram sempre com o núcleo fronteado. O template final é o que se segue:

### **Relativas de objeto indireto**

**Núcleo fronteado:** OBL S ta=POSTP O V

Os dados levam à generalização de que orações relativas em yaathe são circum-nominais, isto é, são relativas de núcleo interno. Pois, como em relativas de núcleo externo (pós-nominais) o núcleo deve sempre e necessariamente aparecer à esquerda da relativa (DE VRIES, 2002), hipotetizamos que as relativas que possuem núcleo na periferia esquerda são circum-nominais que tiveram seu núcleo movido para Spec uma projeção no interior da relativa. O que iria ao encontro da análise de alçamento. No Capítulo 5, trabalharemos com essa e outra hipótese, a de que as relativas em yaathe comportam-se como orações nominalizadas, pois elas possuem tanto propriedades de orações como de sintagmas nominais. Nesse sentido, o alçamento fora da relativa, devido a uma demanda gramatical, torna-se improvável. Além disso, essas orações não possuiriam a projeção CP.

Por fim, o advérbio que modifica a oração relativa ocorre sistematicamente ao final dela. Nesse sentido, trabalharemos com a hipótese de que o advérbio é um adjunto de VP e que os argumentos interno e externo são alçados para Spec;IP. Mas há ainda uma outra posição possível para o advérbio. Quando ele modifica a matriz, ele pode ocorrer em duas posições diferentes: no final da matriz, isto é, imediatamente após o verbo da matriz; ou imediatamente após o núcleo da relativa, gerando a estrutura S V Núcleo Adv Srel/Orel Vrel. Essa ordem pode ter implicações para a análise, sendo um ponto de inflexão com relação à proposta de alçamento. No próximo capítulo elaboramos uma análise para a sintaxe de relativas em yaathe pautada na descrição feita neste capítulo.

## 5. ORAÇÕES RELATIVAS EM YAATHE: PROPOSTA DE ANÁLISE

O presente capítulo está organizado em cinco seções. A primeira (5.1) é dedicada à revisão da análise de alçamento trabalhada em De Vries (2002), a Análise da Promoção Antissimétrica. A segunda (5.2) destina-se à revisão dos pressupostos teóricos e hipóteses mais gerais aqui assumidos, a saber: a análise de orações incorporadas nominalizadas, do Baker (2011). Na terceira seção (5.3), propomos uma análise para as relativas do yaathe, as quais possuem núcleo interno com movimento opcional e que ocorre dentro da própria relativa, para o Spec;AspP. Orações relativas em yaathe possuem um comportamento misto entre nome e oração e serão entendidas como um compilado de núcleos funcionais verbais e nominais. Uma vez que as relativas do yaathe revelam propriedades semelhantes às das relativas do karitiana, nossa proposta de análise em muito se baseia na proposta de Vivanco (2018, 2022), diferindo apenas em alguns detalhes que serão comentados mais adiante, na mesma seção. Na quarta seção (5.4), comentamos algumas questões não contempladas na análise, deixadas em aberto para futuros trabalhos. Por fim, na última seção (5.5), fazemos um apanhado com as conclusões do capítulo.

### 5.1. Teoria da Promoção Antissimétrica

A Teoria da Promoção Antissimétrica é uma versão revisada da análise de alçamento e que se estabelece sob dois pressupostos fundamentais. São eles: a teoria antissimétrica de Kayne (1994) em que, grosso modo, a estrutura sintática determina a ordem linear entre os constituintes; a hipótese de D-complemento, que começa com Smith (1964) e é revivida por Kayne (1994), segundo a qual a oração relativa ou a sua marca relativa se originam como complemento de D.

Com relação à hipótese de D-complemento, Smith e Kayne recorrem a evidências em que o tipo de relativa depende da definitude e especificidade do núcleo. Segundo os autores, uma oração relativa apositiva é incompatível com um antecedente não específico:

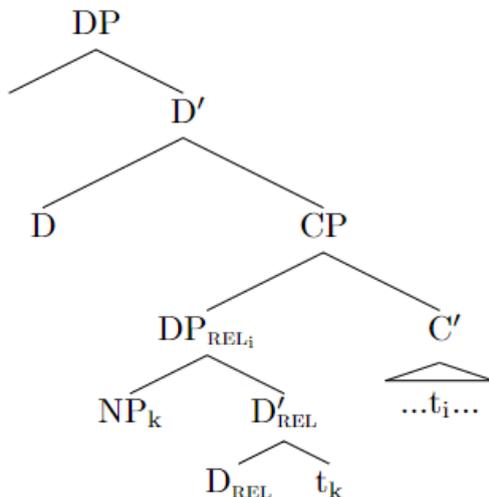
(1) Eu conversei com algum menino(,\* ) que é estudante de letras.

No exemplo acima, o sintagma determinante, cujo núcleo é indefinido, não é compatível com uma oração relativa apositiva, embora seja com uma restritiva. Como a definitude/especificidade é uma propriedade associada ao determinante, uma maneira de expressar o que ocorre entre relativas e definitude/especificidade é tratá-las como complemento de D.

Quanto às bases empíricas da proposta de alçamento, relativas circum-nominais são uma evidência em seu favor, já que seu núcleo ficará in situ, no interior da subordinada. Nesse modelo, o núcleo surge no interior da relativa e é, se for o caso, alçado para a sua periferia esquerda, estabelecendo-se em Spec;CP. Contrariamente, circum-nominais são um problema para a análise padrão, porque nesta o núcleo da relativa surge na sentença matriz. Além disso, com a abordagem de alçamento é possível dar um tratamento unificado para relativas pós-nominais e circum-nominais, as quais podem ser compreendidas como variações de um mesmo fenômeno (DE VRIES, 2002, p. 77).

A estrutura abaixo reflete a estrutura final de relativas restritivas pós-nominais após todas as derivações necessárias serem realizadas:

**Árvore 3 - Estrutura sintática de relativas pós nominais, adaptada de De Vries (2002).**



Segundo De Vries, o sintagma nominal surge como complemento do pronome relativo, em D<sub>REL</sub>, e é atraído para Spec;DP<sub>REL</sub>, onde checa traços- $\phi$ . Depois que DP<sub>REL</sub> é selecionado para ser argumento de um predicado dentro da oração relativa, ele é alçado para Spec;CP, onde deve checar seu traço-qu. O CP, ao final, também vira complemento de um D, de acordo com a hipótese de D-complemento.

Em línguas que possuem relativas de núcleo externo, como o pb, vemos que a oração subordinada com núcleo em seu interior é agramatical. Os exemplos de relativas de núcleo externo (2a), com núcleo in situ (2b) e núcleo intermediário (2c), respectivamente, são de Vivanco (2014, p. 57)

(2)

- (a) O João lavou o carro que eu comprei.
- (b) \*O João lavou o que eu comprei carro.
- (c) \*O João lavou o que eu carro comprei

Em (3b) e (3c) vemos que posições não externas à oração não são permitidas. Assumimos então, junto a De Vries (2002) e Vivanco (2014), que em relativas pós-nominais ou relativas de núcleo externo, o núcleo não pode ficar in situ, devendo ser alçado para fora da oração.

Já para a derivação de circum-nominais, De Vries (2002) assume as generalizações de Culy (1990). Algumas delas seriam: circum-nominais são sentenças nominalizadas, com núcleo in situ, que não possuem pronomes relativos, resumptivos, complementizadores, podem ter afixos relativos, ocorrem em línguas SVO e SOV e o determinante interno deve ser indefinido. O Dagbani é tido pelo autor como uma exceção à regra de que circum-nominais não podem ter complementizadores. Semelhantemente, é possível que o yaathe seja uma língua que possui pronomes resumptivos (seção 4.3), embora tenha relativas circum-nominais.

Ainda segundo Culy (1990 apud De Vries, 2002), orações circum-nominais pertencem à categoria nominal:

Culy (1990, 73-79) argumenta que uma relativa circum-nominal é da categoria  $N'$ . Isto é porque determinantes, morfemas de Caso e outras partículas, se presentes, sempre acompanham a oração relativa. (DE VRIES, 2002, p. 136, tradução minha)<sup>10</sup>

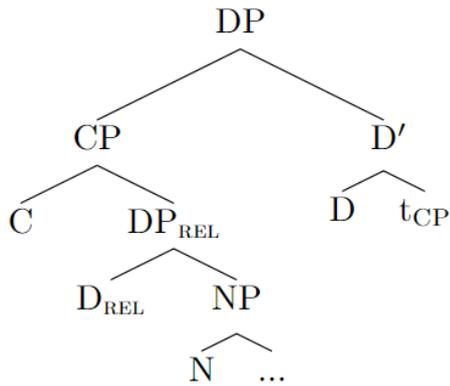
Veremos que é possível relacionar as propriedades mencionadas por Curly a uma projeção que nominaliza a oração relativa, como uma  $nP$  (seção 5.2).

---

<sup>10</sup> Culy (1990, 73-79) argues that a circum-nominal relative is of category  $N'$ . This is because determiners, Case morphemes, and other particles, if present, always follow the relative clauses. (DE VRIES, 2002, p. 136)

Culy também acredita que há concordância de traços- $\phi$  entre o NP e o DP e que relativas circum-nominais também possuem movimento-wh, sendo que de forma coberta, em LF. A estrutura a que chega De Vries (2002, p. 139), após a derivação é a seguinte:

**Árvore 4 - Estrutura sintática de relativas circum-nominais, adaptada de De Vries (2002)**



A relativa vai, como um todo, para Spec;DP, onde checa traços- $\phi$ . O nome, núcleo da relativa, permanece in situ, não havendo promoção aberta do mesmo; esse é um ponto central em que diferem as relativas pós-nominais e circum-nominais. Além disso, o movimento do DPrel para Spec;CP ocorre apenas de maneira coberta, diferindo também nesse ponto da relativa pós-nominal. Na estrutura acima, o DPrel está em complemento de CP (Comp;CP).

O CP, no entanto, pode ser uma projeção inexistente, no caso de a oração relativa ter características de uma oração menor, sem certas propriedades oracionais. E esse parece ser o caso do yaathe (seção 5.3).

## 5.2. Graus de nominalização

Em muitas línguas, sentenças incorporadas podem apresentar simultaneamente traços de nome e traços de oração (BAKER, 2011). Isso se deve ao fato, segundo Baker e autores que o antecederam, de que categorias lexicais não são tão discretas como as compreendeu a teoria gerativa.

Essa propriedade mista de orações no domínio do complemento é capturada pela combinação entre os núcleos funcionais típicos de uma oração, como V, v, Voice, Asp, T, entre outros, e um núcleo nominal análogo que pode substituir um desses vários núcleos (BORSLEY; KORNFILT, 2000 apud BAKER, 2011).

Para as orações incorporadas finitas, gerundivas e participais do sakha (língua turca), Baker (2011) propõe três combinações, baseando-se no fato de que essas orações são, grosso modo, 5% nominais, 50% nominais e 25% nominais respectivamente.

CPs finitos em posição de complemento trazem verbos que são, basicamente, como verbos de matrizes. Mas, no caso das demais orações, elas podem portar afixos nominais no lugar de afixos de tempo, seus argumentos podem ter uma marcação de caso diferente (por exemplo, genitiva para o sujeito) e elas podem ser marcadas, como um todo, com um caso, mantendo sua relação gramatical com o verbo da matriz. Ao mesmo tempo, continuam sendo verbais pois trazem modificações adverbiais, parte da marcação convencional de caso, negação e aspecto. No caso das participais, em sakha:

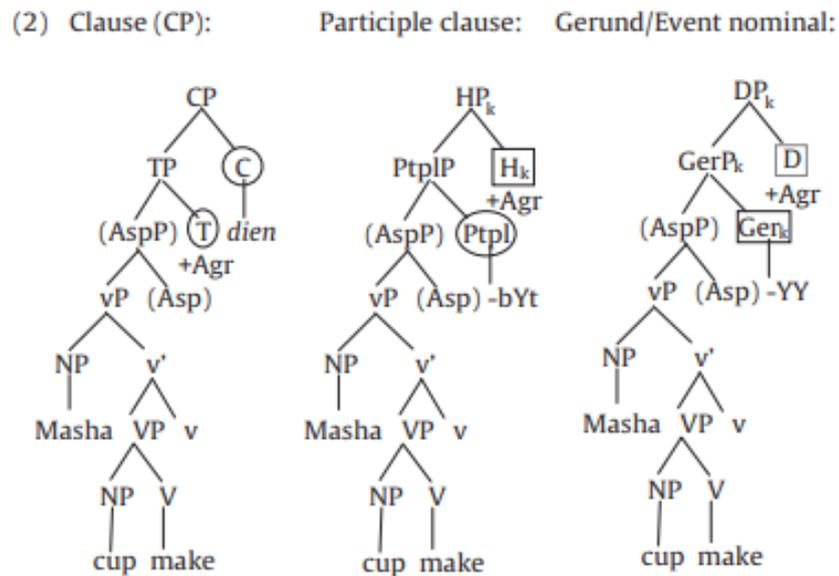
orações participiais são como CPs, mas o contrário de gerúndios no que diz respeito a terem um sujeito no caso nominativo, os constituintes-wh podem rolar para fora deles, seus sujeitos podem "subir" na oração matriz para obter caso acusativo em uma construção semelhante a ECM, podem ser usadas para expressar perguntas indiretas e seu sujeito pode estar no escopo de negação inferior. Em contrapartida, orações participiais são como gerúndios e ao contrário de CPs no sentido de que podem ser marcadas para caso estrutural, elas afetam a marcação de caso de outros NPs na oração, elas são possíveis em todas as posições de argumento, mostram concordância do tipo possessivo com seu sujeito, não permitem concordância parcial sob alçamento nem deslocamento indexical e argumentos internos não podem ser extraídos delas para formar orações relativas. Finalmente, as orações participativas têm algumas propriedades únicas, que não são compartilhadas com CPs finitos ou gerúndios. Por exemplo, apenas elas podem servir como orações relativas em (BAKER, 2011, p. 1166, tradução minha)<sup>11</sup>

A estrutura de orações no participio em sakha que propõe o autor é a seguinte:

---

<sup>11</sup> *participial clauses are like CPs but unlike gerunds in that they have a subject in nominative case (section 6, (23)), wh-phrases can scramble out of them (section 7), their subjects can "raise" into the matrix clause to get accusative case in an ECM-like construction (section 7, especially (35)), they can be used to express indirect questions (section 7, (45)), and their subject can be in the scope of lower negation (section 6, (31)). In contrast, participial clauses are like gerunds and unlike CPs in that they can be marked for structural case (section 4, (11)), they affect the case marking of other NPs in the clause (section 4, (15)), they are possible in all argument positions (section 3), they show possessive-type agreement with their subject (section 6), they do not allow partial agreement under raising nor indexical shift (only mentioned in note 20; see Baker, in press for an analysis), and internal arguments cannot be extracted out of them to form relative clauses (section 8). Finally, participial clauses have a few unique properties, which are not shared with either finite CPs or gerunds. For example, only they can serve as relative clauses in Sakha (section 5) (BAKER, 2011, p. 1166)*

**Figura 6** - Estrutura sintática de orações incorporadas em sakha.



Fonte: Baker (2011, p. 1166)

As características oracionais dos três tipos estudados são captadas pela parte central que compartilham, basicamente, as projeções de V, *v* e Asp. No caso da construção participial, a representação sintática precisa de um núcleo nominal H, pois, uma vez que o particípio em sakha não é intrinsecamente nominal, o núcleo Ptpl sozinho não poderia justificar as suas propriedades de nome. O H, então, é responsável pelo aspecto nominal da oração. Em yaathe, ao contrário, o *n* sozinho parece suficiente para captar as propriedades nominais das orações relativas. Os afixos relativos, que são os morfemas de particípio do yaathe, permitem que outros morfemas, que portam propriedades nominais, unam-se aos verbos das relativas. Eles também aparecem em sequências que são nomes na língua, como *jadedoa* ‘menino’ e *jadedonkya* ‘menina’.

Em gerúndios, por outro lado, há um núcleo Ger, o qual é intrinsecamente nominal. Ele é então selecionado por um DP, que também é nominal. Já em orações finitas, há um T selecionando a parte mais fundamental da estrutura (até Asp) e, depois, uma projeção CP.

### 5.3. Análise das orações relativas em yaathe

O yaathe possui relativas circum-nominais, isto é, de núcleo interno. Contudo, na maioria das vezes, ele apresenta relativas com núcleo na periferia esquerda, à maneira de relativas pós-nominais, com núcleo externo.

Assim como Vivanco (2014) analisou o karitiana, optamos por analisar as orações relativas do yaathe como RNIs, pois, segundo De Vries (2002), em relativas de núcleo externo, necessariamente o núcleo deve estar na periferia esquerda, após ser promovido abertamente. Como o núcleo pode ser encontrado in situ nas orações relativas do yaathe, o alçamento aberto nem sempre iria ocorrer, o que justifica nossa interpretação.

Para onde, então, iria o núcleo da relativa, quando ele é promovido? Ele não deveria ir para um domínio externo à relativa, uma vez que se trata de RNI. Além disso, à semelhança do karitiana, essa língua possui subordinadas com comportamento misto entre oração e nome. Como constatou Ross (1967), sintagmas nominais são mais rígidos do que orações e, por isso, há menos possibilidades de movimento de elementos do seu interior para seu exterior. Ele sintetizou essa rigidez em uma *complex NP constraint*, segundo a qual:

Nenhum elemento contido em uma sentença dominada por um sintagma nominal pode ser movido para fora daquele sintagma nominal por uma transformação. (ROSS, 1967 apud VIVANCO, 2022, no prelo)

Entretanto, assumimos, com Vivanco (2022, no prelo), que certas construções nominalizadas podem ter seus elementos internos como alvo de movimento, mas não transpondo a projeção nominalizadora, o *nP*. Vivanco apresenta algumas evidências de Kornfilt e Whitman (2011 apud VIVANCO, 2022, no prelo) que fundamentam a possibilidade de haver movimento dentro de sintagmas nominais. Indico esses autores ao leitor interessado em tais evidências.

Há dados que sustentam que orações relativas em yaathe seriam nominalizadas. Primeiramente, vimos que elas também recebem morfologia tipicamente nominal. Seus verbos são convertidos sistematicamente em participio pela adição de morfemas do participio e, além disso, concordam em gênero com o núcleo. Exemplos do Capítulo 4 são repetidos aqui:

- (3) inetkaka            walka jadedõ:kja efi**dõ:kjase**  
 i=netkaka            walka jadedõ:kja efi-**doa-~:kja-se**  
 1SG=quero:IND manga menina    chupar-AR(DFT)-F-PST  
 ‘eu quero a manga que a menina chupou’

- (4) i=netkaka            jadedõ:kja maltfĩ kã:-**ho-so-se**  
 1SG=quero:IND menina    milho plantar-AR(AG)-F-PST  
 ‘eu quero a menina que plantou o milho’

-doa e -ho são afixos relativos nominalizadores. Segundo Costa (1999), eles transformam o verbo em participio. -so e -~:kya são morfemas do gênero feminino que se unem a -ho e -doa respectivamente. Os afixos relativos e os morfemas de concordância de gênero podem ser encontrados em nomes do yaathe, isto é, alguns substantivos seriam, estruturalmente, como relativas. Abaixo temos um exemplo:

- (5)  
 (a) jaded**doa** ‘menino’  
 (b) jaded**dõ:kya** ‘menina’

Além disso, relativas em yaathe podem receber marcação de caso, tal como sintagmas nominais. Veja-se o exemplo abaixo.

- (6) datka    kokase otfaskya [jadedoa utfĩ kehos(e)]-ke  
 cacique deu    dinheiro [menino carne comeu]-POSTP;OBL  
 ‘o cacique deu dinheiro ao menino que comeu carne’

Nele, ‘o menino que comeu carne’, que é uma relativa na função de objeto indireto, recebe a pós-posição -ke ao final, que marca o caso oblíquo em yaathe.

Os verbos das orações relativas diferem dos verbos em orações simples quanto à recepção de morfologia verbal, a saber: eles não aceitam um morfema típico da morfologia verbal, o indicativo:

(7) i=netkaka fuli efekla etko(\*-ka)-**doa**(\*-ka)-se  
 1SG=quero:IND rio velho entrar(\*-IND)-AR(DFT)(\*-IND)-PST  
 ‘eu quero o rio que o velho entrou’

(8) i= netkaka ithlo duke]kja eitfi(\*-ka)-d3oa(\*-ka)-se  
 SG=quero:IND cachorro prato quebrar(\*-IND)-AR(DFT)(\*-IND)-PST  
 ‘eu quero o cachorro que quebrou o prato’

Em yaathe, o elemento-qu de uma pergunta-qu pode ser deslocado para a periferia esquerda da sentença:

(9) **tosekehe** datka keedoase?  
**o.que** cacique comeu  
 ‘o que (foi que) o cacique comeu?’

As subordinadas que trazem um elemento-qu em seu interior podem ser inteiramente deslocadas para a periferia esquerda. Isto é, elas se comportam como um sintagma nominal e seguem como um todo o elemento-qu no seu deslocamento:

(10) [**tose yadedwa kedoase**] ta=nandoase  
 [**o.que** menino comeu] ele=viu  
 ele viu o que o menino comeu?  
 Lit.: ‘o que ele viu o menino que comeu?’<sup>12</sup>

No exemplo acima, a relativa, entre colchetes, está na periferia esquerda. Esse fenômeno em que o elemento alvo do movimento leva consigo o restante da estrutura ficou conhecido na literatura como *pied piping* de larga escala (VIVANCO, 2018).

<sup>12</sup>Entretanto, em yaathe é possível que apenas o elemento-qu se mova para a periferia esquerda, dado mais recorrente nos dados dos entrevistados. Exemplo na variedade de um falante:

(1) toseke tanansese yadedwa edoase?  
 o.que viu menino comeu  
 ‘ele viu o que menino comeu?’

Exemplo na variedade de outro falante (o mesmo que produziu o dado em (10):

(2) nafi tanandoase **utfi kedoase**  
 quem viu carne comeu  
 ‘quem ele viu que comeu a carne?’

Em contrapartida, as relativas em yaathe seguem apresentando propriedades oracionais, a saber: elas recebem morfologia tipicamente verbal. Como se vê em quase todos os exemplos apresentados, o verbo da relativa recebe a marca de tempo passado, -se, que está associado à projeção TP:

- (11) i=netkaka      jadedō:kja maltfĩ kã:-ho-so=**se**  
 1SG=quero:IND menina      milho plantar-AR(AG)-F-PST  
 ‘eu quero a menina que plantou o milho’

Elas também apresentam morfologia aspectual, como no exemplo abaixo, retirado de Costa (1999):

- (12) ɔtska    it<sup>h</sup>lo-se      l<sup>h</sup>-ho-**k<sup>h</sup>ia**      w-k<sup>y</sup>a-se  
 homem cachorro-PST    morder-AF(AG)-**IMPERF** matar-IND-PST  
 ‘o homem matou o cachorro que mordia’

O verbo l<sup>h</sup>ka ‘morder’ recebe o sufixo -k<sup>h</sup>ia relativo ao aspecto imperfectivo.

Além disso, as orações relativas também podem ser modificadas adverbialmente:

- (13) i=netkaka      se:a    utfĩ    k<sup>h</sup>lokdoase **hle**  
 1SG=quero:IND moça carne cozinhar    **ADV**  
 ‘eu quero a moça que já cozinhou a carne’

O advérbio hle ‘já’ ou ‘imediatamente’ é um tipo que pode ser associado às camadas mais baixas da oração, isto é, ao vP-VP.

Ademais, fenômenos de mudança de valência, tipicamente oracionais, ocorrem nas relativas do yaathe. Por exemplo, seus verbos podem sofrer causativização:

- (14) i= ketkyase      [ɔtska    jadedoa kfafa-**ne**-ho-se]  
 1SG=quero:IND [homem menino dormir-CAUS-AR(AG)-PST]  
 ‘eu achei o homem que fez o menino dormir’

- (15) i= nankyase [tʃay seti naha-**ne**-so-se efekla ke]  
 1SG=quero:IND [mulher casa ver-CAUS-F-PST velho POSTP]  
 ‘eu vi a mulher que mostrou a casa ao ancião’

O morfema *-ne* está associado ao aumento de valência de verbos inacusativos e verbos transitivos, como é o caso dos exemplos (14) e (15) respectivamente. Ele também aparecerá como verbalizador de nomes e, cristalizado, em verbos inergativos. Trata-se de um morfema normalmente associado a orações, em *yaathe*.

Por fim, vimos que as orações relativas têm mantido um alinhamento Ergativo, à semelhança de sentenças simples, o que também se une ao conjunto de propriedades oracionais. Esse alinhamento é visível nas (não) ocorrências do afixo relativo nominalizador agente, o *-ho*: esse sufixo é permitido apenas em orações de sujeitos transitivos (de verbos canônicos e inergativos) (exs. 16-17) e barrado em orações relativas de objetos e sujeito intransitivo, que só permitem o *-doa* (exs. 18-19):

- (16) i= netkaka it<sup>h</sup>lo dukeʃkja lae-**ho**-se  
 1SG=quero:IND cachorro prato quebrar-AR(AG)-PST  
 ‘eu quero o cachorro que quebrou o prato’

- (17) i= netkaka jadedoa fawne-ho-se  
 1SG=quero:IND menino fazer.grito-AR(AG)-PST  
 ‘eu quero o menino que fez grito’

- (18) i=netkaka dokeʃekja tafkʃekja laj-**dʒoa**-se  
 1SG=quero:IND prato gato quebrar-AR(DFT)-PST  
 ‘eu quero o prato que o gato quebrou’

- (19) i=netkaka ɔtska ejtʃi-**dʒoa**-se  
 1SG=quero:IND homem chegar-AR(DFT)-PST  
 ‘eu quero o homem que chegou’

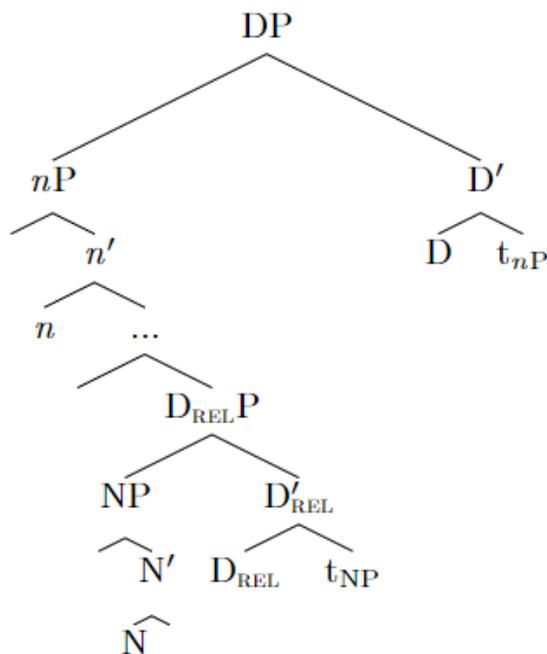
A manutenção do alinhamento de caso no interior da oração relativa, mimetizando o alinhamento de sentenças simples, é uma propriedade oracional. Além disso, o fato de que a

checagem de caso parece ocorrer no âmbito da oração relativa e não a partir de predicados fora dela se configura como propriedade de relativas de núcleo interno (DE VRIES, 2002).

Para capturar o comportamento misto que percebemos descritivamente, propomos à maneira de Baker (2011), assim como Vivanco (2018, 2022) o faz para o karitiana, que orações incorporadas com características nominais são, na verdade, orações que sofreram nominalização. Isso se dá a partir da combinação entre núcleos funcionais como *v*, Voice, Asp e um núcleo nominal análogo. No nosso caso, esse núcleo seria o *n* (VIVANCO, 2022), já que, diferentemente do sakha (BAKER, 2011), apostamos que o particípio, em yaathe, traz propriedades essencialmente nominais.

Adaptando a estrutura de De Vries (2002, p. 139) às propostas de Baker e Vivanco, teremos:

**Árvore 5 - Estrutura sintática de relativas levando-se em conta que elas são orações nominalizadas.**



No lugar de um CP, temos um *nP*, o qual é promovido de Comp;DP para Spec;DP, onde checa traços- $\phi$ . O AspP, que será complemento do *nP*, é a projeção para onde assumiremos, com base em Vivanco (2022), que o núcleo da relativa é promovido.

#### 5.4. Proposta

As orações relativas do yaathe seguem apresentando propriedades verbais comuns em sentenças simples, como morfologia de tempo, concordância número-pessoal, aspecto e fenômeno de alteração de valência verbal. Mas, ao mesmo tempo, elas apresentam comportamentos de sintagma nominal: pied piping, recepção de Caso e concordância de gênero e barra certa morfologia verbal, como a marca de modo indicativo. Sendo assim, o yaathe possuiria apenas parte dos núcleos funcionais relativos a uma oração, comportando-se como uma oração truncada. A estrutura dessa subordinada não possuiria, por exemplo, os núcleos C e Modo, embora, diferentemente do karitiana, possua T e Agr (ou I). As propriedades nominais seriam capturadas pelo núcleo nominalizador, o *n*.

De posse das propriedades morfossintáticas das relativas do yaathe, descritas na seção anterior, pode-se elencar os núcleos funcionais correspondentes a tais propriedades, bem como utilizar-se de processos morfossintáticos como evidência para embasar os núcleos escolhidos:

**v:** vimos que uma classe de verbos, os inergativos, traz esse verbo leve morfologicamente expresso em sua raiz. Além disso, ele aparece verbalizando nomes, como em malaka ‘manga’ > malakaneka ‘mangar’.

**Voice:** o sufixo -ne também desencadeia o aumento de valência de verbos intransitivos e transitivos, causativizando-os, como em: kfafaka ‘dormir’ > kfafaneka ‘fazer dormir’ ou nahaka ‘ver’ > naneka ‘mostrar’. Vimos que a causativização ocorre em verbos de orações relativas.

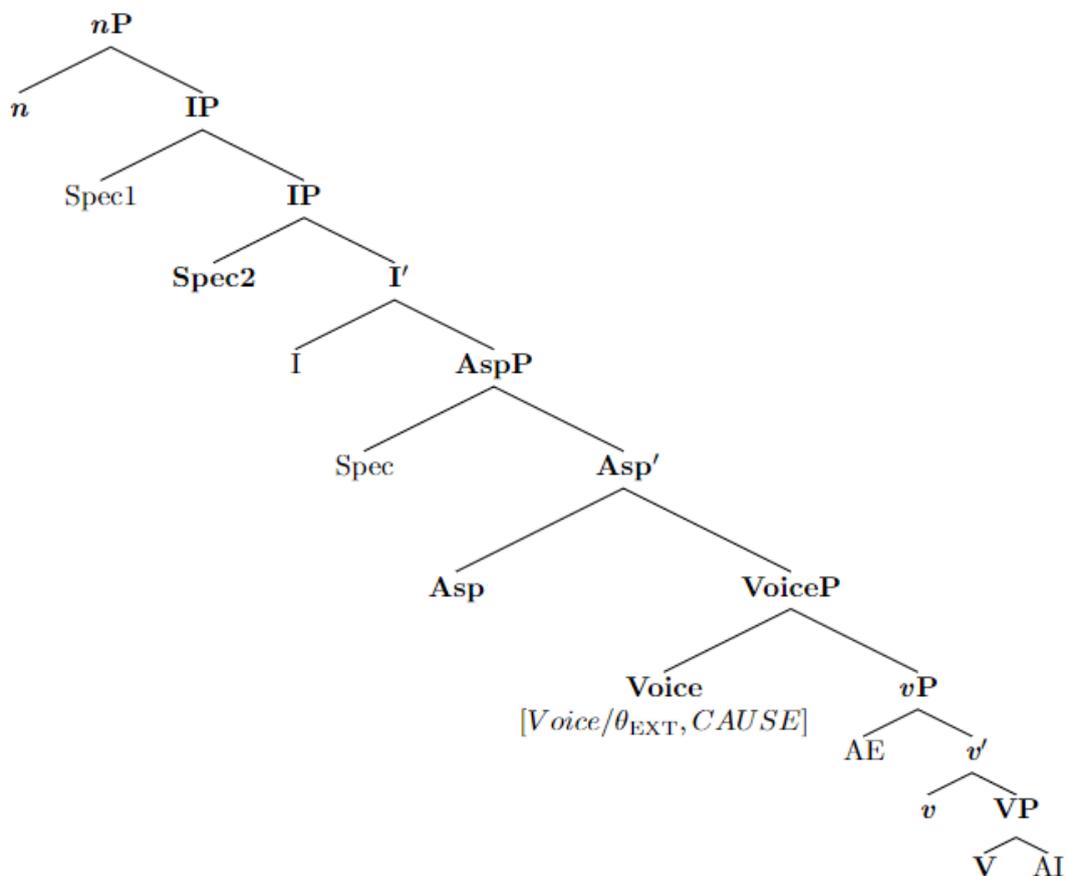
**I:** as orações relativas do yaathe seguem apresentando morfologia de tempo, como tempo passado e futuro respectivamente: -se e -he. Além disso, é a partir desse núcleo que a concordância e checagem de Caso ocorrem.

**Asp:** elas também seguem apresentando a morfologia referente a aspecto, a exemplo do sufixo imperfeito, o -k<sup>h</sup>ja.

**n**: a presença dos afixos relativos nominalizadores (-doa, -ho) são o precedente necessário para que propriedades nominais se unam às orações relativas do yaathe. A língua possui concordância de gênero com o núcleo da relativa, por meio dos sufixos -so e -~:kya, que assumimos serem um reflexo da checagem de traços. Além disso, possui marcação de caso oblíquo às orações relativas e  *pied piping*  de larga escala, o que também é possibilitado pela presença de um núcleo *n*. Os afixos relativos são as entradas lexicais do núcleo.

A estrutura básica das orações relativas nominalizadas, em yaathe, é a que se segue.

#### Árvore 6 - Estrutura sintática das orações relativas em yaathe.



A camada *n* é o contexto para que as marcações de caso e de gênero ocorram. Tais propriedades não poderiam estar relacionadas à presença dos afixos relativos nominalizadores, que são o núcleo da projeção.

Além de compreender os comportamentos nominais relacionados ao núcleo *n*, a estrutura acima compreende também os comportamentos oracionais. Isto é, a mudança de

valência, o fenômeno de verbalização, a morfologia de tempo, a estrutura argumental verbal, a modificação adverbial, a concordância de número e pessoa entre o verbo e o núcleo da relativa. São as camadas mais inferiores que possibilitam os comportamentos oracionais mencionados. Essas projeções estão, normalmente, presentes em orações simples.

Voice é o núcleo relativo à mudança de valência e, com base em Pylkkanen (1997, 2000), acreditamos que ele porta os traços interpretáveis Voice/ $\Theta_{EXT}$  e CAUSE simultaneamente. Tal projeção captura o processo de causativização dos verbos inacusativos ou transitivos pela inserção do morfema -ne, o qual é homófono ao verbo leve que é capaz de verbalizar nomes. Uma possível hipótese de trabalho é que os traços em  $v$  e Voice fundem-se pós-sintaticamente, o que se justificaria pela homofonia.<sup>13</sup>

I é o núcleo responsável pela morfologia de tempo e concordância com os argumentos. Enquanto,  $vP$ -VP é a camada responsável pela estrutura argumental e verbalização. Como dito,  $v$  pode ser uma categoria vazia, no caso de verbos canônicos, mas possui uma realização morfológica no caso de inergativos. É, além disso, na camada  $vP$ -VP que se dá a modificação adverbial, já que o advérbio aparece majoritariamente na periferia direita das orações, o que sugere que ele fica para trás à medida que os argumentos se movem para checar seus traços.

A estrutura acima captura a ordem dos constituintes que encontramos nas relativas do yaathe. Os argumentos externo e interno são alçados para Spec1;IP e Spec2;IP respectivamente, daí a ordem SOV naturalmente possível nas orações relativas do yaathe com núcleo in situ. Porém, no caso das relativas com núcleo frontado, houve sua promoção para Spec;Asp, fato que captura as ordens SOV e OSV de relativas de sujeito e de objeto respectivamente.

E, no caso das orações relativas de sujeito com núcleo in situ, cuja ordem é OSV, trata-se de um caso em que apenas o argumento interno é alçado para o Spec;IP, onde é suficiente para checar EPP (Extended Projection Principle).

A estrutura a que chegamos é muito similar à proposta de Vivanco (2022) para o karitiana. Na análise de Vivanco, há uma projeção EvidP, acima de AspP, no entanto não temos evidências de que o yaathe possuiria, assim como o karitiana, o evidencial. Em contrapartida, está claro que as relativas do yaathe são orações participais. Consideramos que

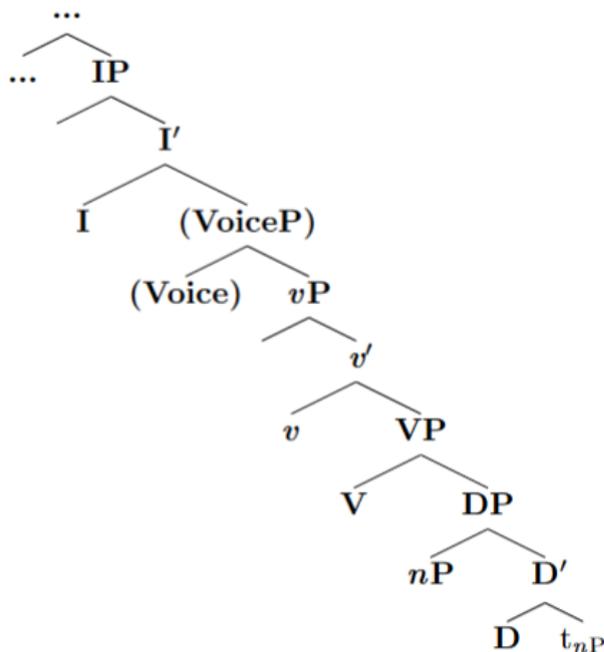
---

<sup>13</sup> Alguns pressupostos da Morfologia Distribuída (MD) (Halle e Marantz, 1993) estão aqui subentendidos. Primeiramente, a noção de regra pós-sintática, sobretudo de fusão de nós terminais e seus traços. Mais a frente, também ficará implícita a noção de subespecificação de traços do item lexical. Ele pode conter apenas um subconjunto dos traços do nó terminal para nele ser inserido, desde que não possua traços que não estejam também no nó terminal.

o núcleo da relativa do yaathe, se for alçado, irá para Spec;AspP, o que é proposto para o karitiana desde Storto (1999, 2012 apud VIVANCO, 2014), muito embora essa abordagem tenha problemas de ordem teórica (VIVANCO, 2014). A diferença crucial com relação à análise de promoção baseada em Kayne (1994) é o fato de que, ao invés de ir para o Spec;CP, o núcleo é, justamente, alçado para Spec;AspP.

Por fim, se juntarmos a estrutura interna das orações relativas com a derivação proposta por De Vries (2002), obtemos a estrutura sintática abaixo, em que a relativa como um todo é alçada para Spec;DP, onde checa traços- $\phi$ :

**Árvore 7 - Estrutura sintática interna das orações relativas em yaathe junto à derivação de De Vries (2002)**



### 5.5. Algumas questões deixadas em aberto

Segundo a análise proposta, o yaathe é uma língua de RNIs nominalizadas. Essas orações possuem movimento aberto do núcleo dentro do nP, para AspP. Segundo as generalizações feitas por De Vries, relativas de núcleo interno não possuem pronomes resumptivos. O yaathe, contudo, por mais que possua RNIs, apresenta também pronomes resumptivos, que aparecem em diferentes posições sintáticas. Sendo assim, seria interessante capturar a representação dos pronomes resumptivos de acordo com o tipo de derivação aqui

proposta. Geralmente, eles estão *in situ*, na posição em que se origina o núcleo, mas podem ocupar outras posições que não a de um pronome relativo. Logo, duas características dos pronomes resumptivos do yaathe precisam ser compreendidas pela análise: (1) a sua posição de origem, visto que eles, aparentemente, compartilham da mesma posição de origem que o núcleo ;(2) o fato de que eles aparecem em diferentes posições, além da posição onde surgem. Um fato a respeito dos pronomes resumptivos e as relativas de objeto indireto do yaathe é o seguinte: eles aparecem, com maior frequência, *in situ* (na posição de origem do núcleo) e o núcleo está, em todas as ocorrências, na periferia esquerda da relativa.

Quanto à ordem dos constituintes, fica em aberto o seguinte ponto: a ordem SOV com núcleo *in situ* só é possível no contexto do afixo relativo -doa. Como incluir tal fato na derivação sintática com a estrutura proposta? Uma hipótese de trabalho possível seria que -doa é um item subespecificado, ele pode ser inserido em nós com traços de Caso Nominativo ou Ergativo. Já o morfema -ho possui o traço Ergativo e, além disso, possuiria algum outro traço relacionado ao Spec;AspP, onde o núcleo costuma repousar, quando promovido dentro de *nP*. Sendo assim, -doa pode ser utilizado em contextos em que há movimento do núcleo ou não, devido à sua subespecificidade, mas -ho, não. Este só pode ser inserido em um nóculo que contenha o traço Ergativo e algum outro. Os pressupostos da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993) podem, além disso, ser utilizados para melhor se compreender a ordem morfológica presente nos verbos das relativas, questão não abordada aqui.

A análise também não contemplou a ordem excêntrica que emergiu quando o advérbio hle ‘já’ modifica a oração matriz, a saber: S V Núcleo ADV Srel/Orel Vrel. Essa ordem pode ser considerada problemática tanto para análise pautada em promoção quanto pautada na ideia de que as subordinadas relativas do yaathe são orações nominalizadas. Isso porque, em princípio, com essa ordem, o núcleo da oração relativa teria de surgir no interior da matriz, o que diverge da análise de promoção antissimétrica. Na descrição dos dados, sugerimos que essa ordem ocorre devido a uma demanda discursiva e que o núcleo consegue sair do *nP* devido à sua posição limítrofe dentro desse domínio. Usamos como evidência o fato de que o núcleo está numa posição não esperada, gerando a ordem não canônica para yaathe, a SVO. Uma discussão mais aprofundada a respeito desses dados faz-se necessária.

## 5.6. Conclusões

O objetivo do presente capítulo foi propor uma análise das orações relativas do yaathe. A descrição dessas estruturas realizada no Capítulo 4 nos forneceu duas grandes propriedades: as relativas do yaathe (i) possuem núcleo interno; (ii) e são orações truncadas, com comportamento misto entre sintagma oracional e nominal. Para refletir (i) e (ii), seguimos a Análise da Promoção Antissimétrica (seção 5.1) e a proposta de Graus de Nominalização (seção 5.2), de De Vries (2002) e Baker (2011) respectivamente. Além disso, nos baseamos na proposta de Vivanco (2018) para as subordinadas do karitiana, que também possuem características de orações nominalizadas.

As orações relativas do yaathe são um compilado de núcleos funcionais, a saber: *v*, Voice, I, Asp, Ptpl e *n*. As suas camadas mais internas são responsáveis por suas propriedades oracionais, entre elas: portar morfologia verbal, permitir fenômenos de mudança de valência, modificação adverbial, checagem de Caso no interior da oração. As duas camadas mais externas, Ptpl e *n* são responsáveis por suas propriedades de sintagma nominal: a restrição quanto à morfologia verbal, morfologia tipicamente nominal (de concordância e Caso) e o pied piping de larga escala. Já a promoção do núcleo, que na maioria das vezes aparece à esquerda da relativa, ocorre no interior de *n*P, sem transpor essa projeção, respeitando assim a restrição de Ross (1967). O núcleo, quando alçado, vai para Spec;AspP, à semelhança do karitiana (VIVANCO, 2022, no prelo).

Algumas questões não foram respondidas, relacionadas sobretudo à ordem e aos elementos relativos. São elas: (i) como capturar o fato de que a ordem SOV, com núcleo in situ, é possível apenas no contexto do afixo relativo -doá?; (ii) como solucionar a questão da ordem que aparece quando o advérbio modifica a matriz, a qual sugere que o núcleo não surge na subordinada, indo na contramão de propostas baseadas em alçamento?; e (iii) como encaixar os pronomes resumptivos na derivação, uma vez que eles não aparecem, tipologicamente, em relativas circum-nominais e, por isso, não são considerados na proposta de De Vries (2002)? Além disso, no yaathe, eles podem ocupar diferentes posições, além da posição in situ. Futuros trabalhos podem contemplar essas questões.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve por objetivo contribuir com a compreensão das orações subordinadas de línguas indígenas brasileiras. Para tanto, forneceu a descrição das orações subordinadas do yaathe (MACRO-JÊ), além de uma proposta de análise baseada na Análise de Promoção Antissimétrica (DE VRIES, 2002), na análise de Baker (2011) para compreender diferentes graus de nominalização e, sobretudo, na proposta de Vivanco (2022) para o karitiana.

Descritivamente, o yaathe apresenta circum-nominais, cujo núcleo pode aparecer opcionalmente na periferia esquerda da oração. Isso fica evidente no fato de que tanto relativas de sujeito como relativas de objeto possuem duas ordens. Para relativas de sujeito vimos as ordens SOV e OSV, enquanto que para relativas de objeto as ordens OSV e SOV foram encontradas. Além disso, o yaathe apresenta afixos relativos nominalizadores e pronomes resumptivos (estes aparecem apenas em relativas de objeto indireto). Tais afixos levam o verbo para o particípio e podem, além disso, receber concordância de gênero feminino com o núcleo, através dos afixos -*~:kya* e -*so*. O primeiro une-se ao -*doa* e o segundo, ao -*ho*. Adicionalmente, *tade* e *take* foram os pronomes resumptivos descritos. Eles podem ocorrer tanto *in situ* como em diferentes posições não relacionadas à posição de um pronome relativo. Por fim, os afixos relativos, -*doa* e -*ho*, comportam-se de tal maneira que é possível visualizar um alinhamento ergativo em suas ocorrências. -*doa* é um afixo relativo nominalizador default, que aparece em qualquer tipo de oração relativa. Mas -*ho* é um afixo relativo nominalizador agente que ocorre apenas em orações de sujeito transitivo. Segundo nossas descobertas, os verbos transitivos em yaathe compreendem os verbos transitivos canônicos e os verbos inergativos, que Costa (1999) descreveu como verbos de atividade. Acreditamos que os inergativos possuem um argumento interno incorporado a um verbo leve, o -*ne*, sendo assim, eles apresentam transitividade ao menos no nível da estrutura argumental. A transitividade dos verbos em yaathe é um importante tema de pesquisa que merece ser investigado em profundidade.

À semelhança do karitiana (VIVANCO, 2018, 2022), o yaathe possui orações subordinadas com características de orações mistas, com propriedade oracionais e nominais simultaneamente. Esse comportamento traz implicações para a análise, que se baseará na combinação de núcleos funcionais verbais e um núcleo nominalizador (BAKER, 2011). Suas

características de sintagma nominal são, basicamente: o recebimento de morfologia nominal (como as de gênero e Caso) e o *pied piping* de larga escala, além disso seus verbos barram morfologia verbal relacionada ao núcleo funcional Modo. Quanto às características oracionais, a grosso modo, percebemos que: embora de forma reduzida, as subordinadas seguem recebendo morfologia verbal, elas podem sofrer modificação adverbial, estão sujeitas à causativização e refletem o alinhamento de caso de sentenças simples. Tais evidências embasam a escolha dos núcleos funcionais que compuseram a estrutura arbórea, em nossa análise.

Embora sintagmas nominais sejam mais enrijecidos para desencadear movimento de elementos em seu interior (ROSS, 1967 apud VIVANCO, 2018), nos baseamos na análise de Vivanco (2018, 2022) e nas evidências por ela revisadas para propor que é possível que elementos das orações subordinadas do yaathe se movam, desde que se mantenham no domínio abaixo do *nP*. Sendo assim, para capturar as diferentes ordens das orações relativas, propusemos que o núcleo pode ser promovido de forma aberta até Spec;AspP. Além disso, há os movimentos oracionais previstos devido, por exemplo, à presença de EPP, que ocorrem antes da nominalização. Em resumo, o núcleo não poderia ser promovido para Spec;CP: (i) orações reduzidas possuem menos núcleos funcionais oracionais que orações plenas, nesse sentido as orações relativas do yaathe não possuiriam uma projeção CP; (ii) orações de núcleo interno, que tendem a ser nominalizadas, não permitem o movimento do núcleo para fora do seu domínio, por serem mais rígidas (*NP complex constraint*). Em RNEs, em contrapartida, o núcleo necessariamente deveria ser promovido para Spec;CP. Em yaathe, o núcleo nem sempre se move, o movimento é opcional, e, quando se move, ele vai para o especificador de AspP, uma vez que esse movimento é de outra natureza e a projeção CP nem sequer existiria.

Questões relacionadas à ordem dos constituintes no interior das relativas, bem como aos seus pronomes resumptivos foram deixadas em aberto como tarefa para futuros trabalhos. Sugere-se que a relação entre uma das ordens com núcleo *in situ* e um certo contexto morfológico pode ser melhor compreendida com base no aparato da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993). Ademais, com base nas generalizações tipológicas de De Vries (2002), a presença de pronomes resumptivos em circum-nominais não é esperada. Esse elemento ocupa diferentes posições na sequência sintática. Como compreender tais peculiaridades dentro do modelo de alçamento é um tema para futuras pesquisas.

Este trabalho também insere na literatura novos aspectos em que comparar o yaathe a outras línguas indígenas brasileiras. Além de apresentar RNIs com movimento

opcional do núcleo, o yaathe também apresenta subordinadas com características de orações nominalizadas. Ambas são propriedades do karitiana, bem descritas por Vivanco (2014, 2018, 2022). A presente dissertação também elucida desafios tipológicos que o yaathe apresenta para serem enfrentados por análises teóricas, a exemplo da presença dos pronomes resumptivos em relativas circum-nominais. Ademais, atualmente, o yaathe é uma língua considerada isolada. Nesse sentido, esse e outros novos estudos a respeito de diferentes aspectos de sua gramática devem, no futuro, modificar o estado da arte a respeito da sua pertinência ou não ao MACRO-JÊ.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKER, M. Degrees of Nominalization: Clause-like Constituents in Sakha. *Lingua*, v. 121, n. 7, p. 1164-1193, 2011.
- BARBOSA, E. A. *Aspectos fonológicos da língua Yatê*. 1991. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 1991.
- CABRAL, D. F. *O acento lexical em yaathe*. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.
- CHOMSKY, N. On Wh-Movement. In: P. Culicover et al. (Eds). *Formal Syntax*. New York: Academic Press, 1977. p. 71-132.
- CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris Publications Holland, 1981.
- CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. The MIT Press, Cambridge, Mass, 1995.
- CINQUE, G. *The Syntax of Relative Clauses: A Unified Analysis*. Cambridge University Press, Cambridge, 2020.
- COMRIE, B. *Language Universals and Linguistic Typology*. Basil Blackwell, Oxford, 1981.
- COSTA, J. F. da. *Ya:thê, a última língua nativa do Nordeste do Brasil - aspectos morfo-fonológicos e morfo-sintáticos*. 1999. Tese (Doutorado em Linguística) - Departamento de Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.
- COSTA, J. A morfologia do verbo em Yaathe. *LIAMES: Línguas indígenas americanas*, v. 4, n. 1, p. 147-159, 2004.
- COSTA, J. F. da. Classes de verbos e variação de construção em Yaathe. In: TELLES, Stella (Org.). *Coletânea AXÉUVIRU*. Recife: Editora universitária UFPE, p. 119-138, 2005.
- CULY, C. (1990). *The Syntax and Semantics of Internally Headed Relative Clauses*. 1990. Tese (Doutorado). Stanford University, 1990.
- De VRIES, M. *The syntax of relativization*. Utrecht: LOT, 2002.
- FERREIRA, I. S. N.; FERNANDES, I. N.; FREITAS, M. L. de A. Desafios e avanços na Educação Escolar Indígena em Pernambuco. In: FREITAS, M. L. de A. (Org.) *Semana de*

Letras da UFPE, 5., 2017. Recife. *Anais eletrônicos* [recurso eletrônico]. Recife: Editora UFPE, 2018, p. 303-312.

GIVÓN, T. *Syntax, a Functional-Typological Approach*. John Benjamins, Amsterdam, 1984.

GROSU, A.; LANDMAN, F. Strange Relatives of the Third Kind. *Natural Language Semantics*, v. 6, p. 125-170, 1998.

HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (Eds.). *The view from building 20*. The MIT Press, 1993, p. 111-176.

KAYNE, R. *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge: The MIT Press, 1994.

LAKA, I. Unergatives that Assign Ergative, Unaccusatives that Assign Accusative. *Papers on Case and Agreement, MIT Working Papers in Linguistics*, v. 18, n. 1, 1993, p. 149-172.

LAPENDA, G. *Estrutura da língua Iatê*. 2 ed. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2005 [1965].

NIKULIN, A. *Proto-Macro-Jê: um estudo reconstrutivo*. 2020. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

POLOCK, J.-I. Verb Movement, Universal Grammar, and the Structure of IP. *Linguistic Inquiry*, v. 20, n. 3., p. 365-424, 1989.

PYLKKÄNEN, L. *Introducing Arguments*. 2002. Tese (Doutorado em Linguística) - Departamento de Linguística e Filosofia, MIT, 2002.

RODRIGUES, A. D. O tronco Macro-Jê. In: RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras - para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Edições Loyola, 1986, p. 47-56.

ROSS, J. *Constraints on variables in syntax*. 1967. Tese (Doutorado em Linguística) - Departamento de Linguística e Filosofia, MIT, 1967.

SALZMANN, M. A New Version of the Matching Analysis of Relative Clauses - Combining Deletion Under Recoverability with Vehicle Change. In: KRIFKA, M.; SCHENNER, M. (Eds.) *Reconstruction effects in relative clauses*. Berlin: De Gruyter, 2018, p. 187-223.

SCHACHTER, P. Focus and Relativization. *Language*, v. 49, p. 19-46, 1973.

SILVA, F. P. da. *A sílaba em Yaathe*. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2011.

SILVA, F. P. da. *A organização prosódica do yaathe, a língua do povo fulni-ô*. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2016.

SMITH, C. Determiners and Relative Clauses in a Generative Grammar of English. *Language*, v. 40, p. 37-52, 1964.

VERGNAUD, J.-R. French Relative Clauses. 1974. Tese (Doutorado em Linguística) - Departamento de Linguística e Filosofia, MIT, 1974.

VIVANCO, K. C. *Orações relativas em karitiana: um estudo experimental*. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras/Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

VIVANCO, K. C. Perguntas QU-, orações subordinadas e ordem de palavras em Karitiana. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

VIVANCO, K. C. Subordinação e nominalização em karitiana (tupi). *RASAL Linguística*, n. 2, p. 125-154, 2022. DOI: 10.56683/rs222125. Disponível em: <https://rasal.sael.org.ar/index.php/rasal/article/view/125>. Acesso em: 16 dez. 2022.

## ANEXOS

### ANEXO A: Dados de Elicitação guiada por contexto experimental

#### FALANTE 1

##### Relativas de sujeito

Título	Sentença	Tradução
rel suj 1	i netkaka se:a utʃi k <sup>h</sup> lok-doa-se	eu quero a moça que cozinhou a carne
rel suj 2	i netkaka tʃ <sup>h</sup> ai o:ja tʃ <sup>h</sup> ɔlne-doa-se	eu quero a mulher que esquentou a água
rel suj 3	i netkaka klekejni:so tafk <sup>h</sup> eʃk <sup>h</sup> ia eu-ho-se	eu quero a onça que matou o gato
rel suj 3.1	i netkaka klekejni:so tafk <sup>h</sup> eʃk <sup>h</sup> ia eu-ho-so-se	eu quero a onça que matou o gato
rel suj 4	i netkaka efek <sup>h</sup> la fuli nã:-doa-se	eu quero o ancião que viu o rio
rel suj 5	i netkaka madzõk <sup>h</sup> ya et <sup>h</sup> ajo tɛl-doa-se	eu quero o morcego que mordeu o cavalo
rel suj 6	i netkaka ɔtska seti tetʃi-ho-se	eu quero o homem que construiu a casa
rel suj 6.1	i netkaka ɔtska seti tatetʃi-dzõa-se	eu quero o homem que construiu a casa
rel suj 7	i netkaka jadedõ:k <sup>h</sup> ia maltʃi ta eh̃:-doa-se	eu quero a menina que plantou o milho
rel suj 8	i netkaka flewa etʃ <sup>h</sup> ile tatul-doa-se	eu quero a avó que cortou a árvore
rel suj 9	i netkaka jaded <sup>w</sup> a mak <sup>h</sup> aj tase-doa-se	eu quero o menino que escondeu o arco e flecha
rel suj 10	i netkaka it <sup>h</sup> lo dukeʃk <sup>h</sup> ia etʃ <sup>h</sup> i-dzõa-se	eu quero o cachorro que quebrou o prato

##### Relativas de Objeto

Título	Sentença	Tradução
rel obj 1	i netkaka walka ehiãne e ei-doa-se	eu quero a manga que a filha comeu
rel obj 2	i netkaka dok <sup>h</sup> ia t <sup>h</sup> owk <sup>h</sup> eta itʃ <sup>h</sup> ɔlne-dwa-se	eu quero a panela que o pai esquentou
rel obj 3	i netkaka fuli efek <sup>h</sup> la eino <sup>w</sup> -doa-se	eu quero o rio que o velho atravessou
rel obj 4	i netkaka ejsilʃa feek <sup>h</sup> ia eh̃ <sup>h</sup> -doa-se	eu quero a fruta que o camaleão mordeu
rel obj 5	i netkaka seti tok <sup>h</sup> et <sup>h</sup> ãne tetʃ <sup>h</sup> i-dzõa-se	eu quero a casa que a mãe construiu
rel obj 6	i netkaka eska fudz <sup>h</sup> iaa tã:-doa-se	eu quero o ovo que a cobra botou
rel obj 7	i netkaka maltʃi tʃaj eh̃:-doa-se	eu quero o milho que a mulher plantou

rel obj 8	i netkaka fak <sup>h</sup> edzo jadedōk <sup>ia</sup> tase-doa-se	eu quero o brinco que a menina escondeu
rel obj 9	i netkaka klekejni:so ɔtska fasa-doa-se	eu quero a onça que o homem caçou
rel obj 10	i netkaka dokef <sup>k</sup> ia tafk <sup>h</sup> ef <sup>k</sup> ia et <sup>h</sup> i-dzoa-se	eu quero o prato que o gato quebrou

### Relativas de Objeto Indireto

Título	Sentença	Tradução
rel obj ind 1	i netkaka jaded <sup>wa</sup> efekla ta ke et <sup>h</sup> lujane kodoase	eu quero o menino que o velho deu a bola
rel obj ind 1.1	i netkaka jaded <sup>wa</sup> ta ke efekla et <sup>h</sup> lujane kodoase	eu quero o menino que o velho deu a bola
rel obj ind 2	i netkaka t <sup>f</sup> aj jadedō:k <sup>ja</sup> ta de makaj kaiā:doase	eu quero a mulher que a menina ganhou o arco e flecha (dela)
rel obj ind 2.1	i netkaka t <sup>f</sup> aj jadedō:k <sup>ja</sup> makaj ta de kajā:doase	eu quero a mulher que a menina ganhou o arco e flecha
rel obj ind 3	i netkaka seke:se ɔtska ta ke dukef <sup>k</sup> ia kã:dwase	eu quero a mesa que o homem colocou o prato
rel obj ind 3.1	i netkaka seke:se ɔtska dukef <sup>k</sup> ia ta ke k <sup>h</sup> ã:dwase	eu quero a mesa que o homem colocou o prato
rel obj ind 4	i netkaka wapelaklil <sup>ne</sup> te de it <sup>h</sup> lo jadedōk <sup>ja</sup> ekidwase	eu quero a caixa que a menina tirou o cachorro de dentro
rel obj ind 5	i netkaka jadedō:k <sup>ja</sup> fliwāne ta ke senēk <sup>ja</sup> e <sup>f</sup> inedwase	eu quero a menina que a vó contou a história

### Relativas de Sujeito Inacusativo

Título	Sentença	Tradução
rel suj ina 1	i netkaka jadedō:k <sup>ja</sup> kfafohoso	eu quero a menina que dorme
rel suj ina 2	i netkaka t <sup>f</sup> aj nodō:k <sup>ja</sup>	eu quero a mulher que vai
rel suj ina 3	i netkaka t <sup>f</sup> aj kfot <sup>f</sup> ihoso	eu quero a mulher que sonha
rel suj ina 4	i netkaka t <sup>f</sup> aj eft <sup>h</sup> idō:k <sup>ja</sup>	eu quero a mulher que cai
rel suj ina 5	i netkaka ɔtska sasetadwa	eu quero o homem que urina/ que está urinando
rel suj ina 6	i netkaka ɔtska sak <sup>h</sup> oletetadwa	o quero o homem que bebe/que está bebendo
rel suj ina 7	i netkaka jaded <sup>wa</sup> k <sup>w</sup> aloho	eu quero o menino que escuta
rel suj ina 8	i netkaka jaded <sup>wa</sup> satk <sup>h</sup> alajho	eu quero o menino que pensa

## Relativas de Sujeito Inergativo

Título	Sentença	Tradução
rel suj ine 1	i netkaka jaded <sup>wa</sup> a fe:tõ:hose	eu quero o menino que trabalha
rel suj ine 2	i netkaka jaded <sup>wa</sup> a fawnehose	eu quero o menino que grita
rel suj ine 3	i netkaka jaded <sup>wa</sup> a foẽ:ho	eu quero o menino que pesca
rel suj ine 3.1	i netkaka jaded <sup>wa</sup> a foẽ:tetadwa	eu quero o menino que está pescando
rel suj ine 4	i netkaka jaded <sup>wa</sup> a kfɛlnehose	eu quero o menino que brinca
rel suj ine 5	i netkaka jadedõ:kja funeso	eu quero a menina que sopra
rel suj ine 5.1	i netkaka jaded <sup>wa</sup> a funehose	eu quero o menino que sopra

## FALANTE 2

### Relativas de sujeito

Título	Sentença	tradução
rel suj 1	i netkaka sea utʃi klokonese	eu quero a moça que cozinhou a carne
rel suj 2	i netkaka tʃaj o:ja tʃ <sup>h</sup> lɔnesose	eu quero a mulher que esquentou a água
rel suj 3	I netkaka klekejn:so tafkeʃkja euhose	eu quero a onça que matou o gato
rel suj 4	i netkaka efɛkla set <sup>h</sup> inehe nã:hose	eu quero o velho que viu a cidade
rel suj 5	i netkaka madzõ:kja lefetja elhose	eu quero o morcego que mordeu o boi
rel suj 6	i netkaka ɔtska kleʃa tethose	eu quero o homem que fez a igreja
rel suj 7	i netkaka yadedõ:kja maltʃi kã:hose	eu quero a menina que plantou o milho
rel suj 8	i netkaka fliwa se tulhose	eu quero a velha que cortou o mato
rel suj 9	i netkaka jadedwa otʃ <sup>h</sup> aja tasehose	eu quero o menino que escondeu o machado
rel suj 10	i netkaka it <sup>h</sup> lo dukeʃkja laehose	eu quero o cachorro que quebrou o prato

### Relativas de Objeto

Título	Sentença	tradução
rel obj 1	i netkaka walka jadedõ:kja eʃidõkjase	eu quero a manga que a menina chupou
rel obj 2	i netkaka do:kja etfe e tʃ <sup>h</sup> ɔlnedõkjase	eu quero a panela que o pai esquentou
rel obj 3	i netkaka fuli efɛkla etkodoase	eu quero o rio que o velho entrou
rel obj 4	i netkaka etsõne fejkja eldõkjase	eu quero a melancia que o camaleão mordeu
rel obj 5	i netkaka seti i:sja tetʃidzõ:kjase	eu quero a casa que a minha mãe fez
rel obj 6	i netkaka eska fudzaka kã:doase	eu quero o ovo que a cobra botou

rel obj 7	i netkaka maltfi jadedøkja kã:doase	eu quero o milho que a menina botou (plantou)
rel obj 8	i netkaka fak <sup>h</sup> edzo jadedøkja tasedoase	eu quero o brinco que a menina escondeu
rel obj 9	i netkaka klekejni:so jadedwa fasadõ:kjase	eu quero a onça que o menino caçou
rel obj 10	i netkaka dokejkja tfkejkja ejtfidzoase	eu quero o prato que o gato quebrou
rel obj 10.1	i netkaka dokejekja tafksekja lajdzoase	eu quero o prato que o gato quebrou

### Relativas de Objeto Indireto

Título	Sentença	tradução
rel obj ind 1	i netkaka jadedwa efekla et <sup>h</sup> luljane kosese	eu quero o menino a quem o velho deu a bola
rel obj ind 2	i netkaka tfaj jadedøkja makaj ejnsesnese	eu quero a mulher que a menina recebeu a flecha
rel obj ind 3	i netkaka seke:sesne take otska dukejkja kãsesese	eu quero a mesa que o homem colocou o prato
rel obj ind 4	i netkaka to:nã tatfimãnedøkja jadedøkja it <sup>h</sup> lo ejkisesese	eu quero a caixa que a menina tirou o cachorro
rel obj ind 5	i netkaka jadedøkja fliwa setasnise ifinedoase	eu quero a menina que a velha contou a piada

### Relativas de Sujeito Inacusativo

Título	Sentença	tradução
rel suj ina 1	i netkaka dokejkja et <sup>h</sup> dzoase	eu quero o prato que quebrou
rel suj ina 2	i netkaka tfaj esedõ:kjase	eu quero a mulher que dançou
rel suj ina 3	i netkaka tfaj et <sup>h</sup> døkjase	eu quero a mulher que morreu
rel suj ina 4	i netkaka tfaj kfafdõ:kjase	eu quero a mulher que dormiu
rel suj ina 5	i netkaka otska etk <sup>h</sup> atfidzoase	eu quero o homem que saiu
rel suj ina 6	i netkaka otska ejtfidzoase	eu quero o homem que chegou
rel suj ina 7	i netkaka fliwa eftfidøkjase	eu quero a velha que caiu
rel suj ina 8	i netkaka tfaj satk <sup>h</sup> alajdzøkjase	eu quero a mulher que quebrou a cabeça (pensou)
rel suj ina 9	i netkaka otska es <sup>h</sup> doase	eu quero o homem que mijou
rel suj ina 10	i netkaka jadedwa kf <sup>h</sup> hose	eu quero o menino que ouviu

### Relativas de Sujeito Inergativo

Título	Sentença	tradução
rel suj ine 1	i netkaka jadedwa e:k <sup>h</sup> doase	eu quero o menino que correu
rel suj ine 2	i netkaka jadedwa fejtõ:hose	eu quero o menino que trabalhou

rel suj ine 3	i netkaka jadedwa fawnehose	eu quero o menino que gritou
rel suj ine 4	i netkaka iadedwa fœnehose	eu quero o menino que pescou
rel suj ine 5	i netkaka jadedwa fêlnedwase	eu quero o menino que brincou
rel suj ine 6	i netkaka jadedôkja funedô:kjase	eu quero a menina que assoprou
rel suj ine 6.1	i netkaka jadedôkja funesose	eu quero a menina que assoprou

## ANEXO B: Sequências gramaticais do Questionário 1

### FALANTE 1

#### Parte 1

Tipo	Sentença	Tradução	Ordem
rel sujeito	i netkaka seya utxi khlokodoase	eu quero a moça que cozinhou a carne	SOV
rel sujeito	i netkaka seya utxi khlokohose	eu queria a moça que a carne cozinhou	OSV
rel sujeito	i netkaka txay ooya txholnedwase	eu quero a mulher que esquentou a água	SOV
rel objeto	i netkaka txay ooya ta txholnedwase	eu quero a água que a mulher esquentou	SOV
rel objeto	i netkaka klekeyniso tafkhexkya ewhose	eu quero a onça que o gato matou	SOV
rel objeto	i netkaka klekeyniso tafkhexkya ewdwase	eu quero a onça que o gato matou	OSV
rel sujeito	i netkaka tafkhexkya klekeyniso ewdwase	eu quero a onça que matou o gato	OSV
rel sujeito	i netkaka klekeyniso tafkhexkya ta ewhose (tewhose)	eu quero a onça que matou o gato	SOV
rel sujeito	i netkaka klekeyniso tafkhexkya ta ewdoase (tewdoase)	eu quero a onça que matou o gato	SOV
rel sujeito	i netkaka efekhla fuli nandoase	Eu quero o rio que viu o velho	OSV
rel sujeito	i netkaka efekhla fuli nanhose	Eu quero o velho que viu o rio	SOV
rel sujeito	i netkaka efekhla fuli ta nandoase	eu quero o velho que viu o rio	SOV
rel sujeito	i netkaka madjonkya ethayo ta eldoase (teldoase)	eu quero o morcego que mordeu o cavalo	SOV
rel sujeito	i netkaka madjonkya ethayo ta elhose (teelhose)	eu quero o morcego que mordeu o cavalo	SOV
rel sujeito	i netkaka otska seti tethose	eu quero a o homem que construiu a casa	SOV
rel sujeito	i netkaka otska seti ta tetdjoase	eu quero o homem que construiu a casa	SOV
rel sujeito	i netkaka yadedonkya maltxi ta ehendoase	eu quero a menina que plantou o milho	SOV
rel sujeito	i netkaka yadedonkya maltxi ehendoase	eu quero a menina que plantou o milho	SOV
rel sujeito	i netkaka fliwa etxhle tathuldjoase	eu quero a velha que cortou o pau	SOV
rel objeto	i netkaka otska fliwa thuldjoase	eu quero o homem que a velha cortou	OSV

<b>rel sujeito</b>	i netkaka yadedwa makhay tasedwase	eu quero o menino que escondeu o badoque	<b>SOV</b>
<b>rel objeto</b>	i netkaka yadedwa makhay ta tasedoase	eu quero o badoque que foi escondido pelo menino	<b>SOV</b>
<b>rel sujeito</b>	i netkaka ithlo dokexkya etxhdjoase	eu quero o cachorro que quebrou o prato	<b>SOV</b>
<b>rel sujeito</b>	i netkaka ithlo dokexkya etxhhose	eu quero o cachorro que quebrou o prato	<b>SOV</b>
<b>rel sujeito</b>	i netkaka ithlo dokexkya ta etxhdjoase	eu quero o cachorro aquele que quebrou o prato	<b>SOV</b>

## Parte 2

<b>Tipo</b>	<b>Sentença</b>	<b>Tradução</b>	<b>Ordem</b>
<b>rel objeto</b>	i netkaka walka ehiãne exidwase	eu quero a manga que a filha chupou	<b>OSV</b>
<b>rel objeto</b>	i netkaka walka ehiãne ta exidwase	eu quero a manga que a filha chupou	<b>OSV</b>
<b>rel objeto</b>	i netkaka dokya towkheta etxholnedwase	eu quero a panela que o pai esquentou (que foi esquentada pelo pai)	<b>OSV</b>
<b>rel objeto</b>	i netkaka fuli efekhla eí nowdwase	eu quero o rio que o velho atravessou	<b>OSV</b>
<b>rel objeto</b>	i netkaka etson fekya el <sup>h</sup> hose (e lhose)	eu quero a melancia que o camaleão mordeu	<b>OSV</b>
<b>rel objeto</b>	i netkaka seti tokhethane tetdjoase	eu quero a casa que a mãe construiu	<b>OSV</b>
<b>rel objeto</b>	i netkaka seti tokhethane ta: tetdjowase	eu quero a casa que a mãe construiu	<b>OSV</b>
<b>rel objeto</b>	i netkaka eska fdjaka tanedwase	eu quero o ovo que a cobra pôs/botou	<b>OSV</b>
<b>rel objeto</b>	i netkaka eska fdjaka ta tanedwase	eu quero o ovo que a cobra botou	<b>OSV</b>
<b>rel objeto</b>	i netkaka maltxi txay e hendoase	eu quero o milho que a mulher plantou	<b>OSV</b>
<b>rel objeto</b>	i netkaka kfakhedjo yaadedonkya tasedwase	eu quero o brinco que a menina escondeu	<b>OSV</b>
<b>rel objeto</b>	i netkaka kfakhedjo yaadedonkya ta tasedwase	eu quero o brinco que a menina escondeu	<b>OSV</b>
<b>rel objeto</b>	i netkaka klekheyniso otska fasadwase	eu quero a onça que o homem caçou	<b>OSV</b>
<b>rel objeto</b>	i netkaka klekheyniso otska ta fasadwase	eu quero a onça que o homem caçou	<b>OSV</b>
<b>rel objeto</b>	i netkaka dokexkya tafkhexkya etxhdjoase	eu quero o prato que o gato quebrou	<b>OSV</b>
<b>rel objeto</b>	i netkaka dokexkya tafkhexkya ta	eu quero o prato que o gato quebrou	<b>OSV</b>

	etxhidjoase		
--	-------------	--	--

## ANEXO C: Sequências gramaticais do Questionário 2

### FALANTE 1

#### Relativas de Sujeito e de Objeto

Número	Sentença	Tradução
1	se:a utfi k <sup>h</sup> lokwase hle	A moça já cozinhou a carne
2	i netkaka se:a utfi k <sup>h</sup> lokdoase hle	Eu quero a moça que já cozinhou a carne
3	i netkaka hle se:a utfi k <sup>h</sup> lokdoase	Agora eu quero a moça que cozinhou a carne
4	efek <sup>h</sup> la fuli nã:kyase hle	O ancião/velho já viu o rio
5	efek <sup>h</sup> la hle fuli nã:doahe	Agora é o ancião que vai ver o rio
6	i netkaka efek <sup>h</sup> la fuli nã:doase hle	Eu quero o ancião que já viu o rio
7	i netkaka hle efek <sup>h</sup> la fuli nã:doase	Agora eu quero o ancião que viu o rio
8	i netkaka tafkexkya klekeyniso ewdoase hle	Agora eu quero o gato que a onça matou
9	i netkaka hle tafkexkya klekeyniso ewdoase	Eu quero agora o gato que a onça matou
10	jadedō:kja walka efikase hle	A menina já chupou a manga
11	jadedō:kya hle walka efidō:kya	A menina é que tem que chupar a manga agora/ Agora é a vez da menina chupar manga
12	i netkaka walka jadedō:kja efidō:kjase hle	Eu quero a manga que a menina já chupou
13	i netkaka walka hle jadedō:kja efidō:kjase	Agora eu quero a manga que a menina chupou”
14	etfe do:kja t <sup>h</sup> olnekase hle	O pai já esquentou a panela
15	i netkaka do:kja etfe t <sup>h</sup> olnedōkjase hle (boa)	Eu quero a panela que o pai já esquentou
16	i netkaka do:kja hle etfe t <sup>h</sup> olnedōkjase	Agora eu quero a panela que o pai esquentou”
17	i netkaka txay ooya txolnedoase hle	Eu quero a mulher que já esquentou a água
18	i netkaka txay hle ooya (*ta) txolnedoase	Agora eu quero a mulher que esquentou a água”

#### Relativas de Sujeito de verbos inacusativo e intransitivo

Número	Sentença	Tradução
1	tʃaj et <sup>h</sup> kwase hle	A mulher já morreu
2	i nã:kyase tʃaj et <sup>h</sup> dōkjase hle	Eu vi a mulher que já morreu
3	i nã:kase hle tʃaj et <sup>h</sup> dōkjase	Eu já vi a mulher que morreu
4	ɔtska etk <sup>h</sup> atʃkyase hle	O homem já saiu
5	i netkaka ɔtska etk <sup>h</sup> atʃdzoase hle	Eu quero o homem que já saiu
6	i netkaka hle ɔtska etk <sup>h</sup> atʃdzoase	Agora eu quero o homem que saiu
7	jaded <sup>wa</sup> fe:tō:kyase hle	O menino já trabalhou
8	jadedwa hle fe:tonho	Agora quem vai trabalhar é o menino
9	i netkaka jaded <sup>wa</sup> fe:tō:hose hle	eu quero o menino que já trabalhou
10	jadedwa fawnekase hle	o menino já gritou
11	jadedwa hle fawneho	agora eu quero o menino que já gritou
12	i netkaka jadedwa fawnehose hle	Eu quero o menino que já gritou
13	i netkaka hle jadedwa fawnehose	Agora eu quero o menino que gritou
14	efekla kokase hle ethluliane yadedonkya ke	O velho já deu a bola à menina
15	efekla hle koho ethluliane yadedonkya ke	agora é o velho que vai dar a bola a menina
16	i netkaka hle yadedonkya take efekla ethluliane kodōkyase	Eu quero agora a menina a quem o velho deu a bola

### Relativas contendo elemento-qu

Número	Sentença	Tradução
1	tosekehe atka keedoase?	O que (foi que) o cacique comeu
2	tose yadedwa kedoase ta=nandoase	o que ele viu que o menino comeu
3	nañi tanandoase utʃi kedoase	Quem ele viu que comeu a carne?
4	nañi tanandoase eikodoase	Quem ele viu que correu?
5	nañi tanandoase eitʃidzoase	Quem ele viu que chegou?
6	nañi sekehe datka take ɔʃaskya kodoase	A quem ele viu que o cacique deu dinheiro?
7	datka kokase ɔʃaskya yadedwa utʃi kehos(e)ke	O cacique deu dinheiro ao menino que comeu carne
8	tosekehe yadedwa ke:doase datka take	O cacique deu dinheiro ao menino que

	otfaskya kodoase	comeu o que
9	i nankyase otska eitfodzohahe	Eu vi o homem que chegará amanhã
10	i nankyase yadedwa utfi klokodoahe	Eu vi o menino que vai cozinhar a carne
11	i ketkyase otska yadedwa kfafanehose	Eu achei o homem que fez o menino dormir
12	i nankyase tfay seti nanesose efekla ke	Eu vi a mulher que mostrou a casa ao ancião
13	datka tfidzo eefakase	O peixe foi comido pelo cacique
14	i nankyase tfidzo datka eidoase	Eu vi o peixe que foi comido pelo cacique

## FALANTE 2

### Relativas de Sujeito e de Objeto

Número	Sentença	
1	se:a utfi k <sup>h</sup> loknese hle do	A moça já cozinhou a carne
4	efek <sup>h</sup> la fuli nahasehledo	O ancião/velho já viu o rio
5	i netkaka efek <sup>h</sup> la fuli nãhosehlete	Eu quero o ancião que já viu o rio
6	i netkaka klekeyniso tafkexkya ewdonkyase te	Eu quero a onça que já matou o gato
7	jadedō:kja walka fisehledo	A menina já chupou a manga
8	i netkaka walka jadedō:kja efidōkjasehlete	Eu quero a manga que a menina já chupou
9	i netkaka hle walka jadedō:kja efidōkjase	Agora eu quero a manga que a menina já chupou
10	etfe do:kja t <sup>h</sup> olnekase hle	O pai já esquentou a panela
11	hle etfe do:kja t <sup>h</sup> olnekase	Novamente o pai esquentou a panela
12	i netkaka do:kja etfe t <sup>h</sup> olnedōkjase hle te	Eu quero a panela que o pai já esquentou
13	i netkaka hle do:kja etfe t <sup>h</sup> olnedōkjase	Agora eu quero a panela que o pai já esquentou
14	i netkaka ooya txay txhōlnedoase hle te	Eu quero a água que a mulher já esquentou
15	i netkaka hle txay ooya ta txolnedoase	Agora eu quero a água que a mulher esquentou

**Relativas contendo elemento-qu**

Número	Sentença	Tradução
1	toseke datka edoase?	O que (foi que) o cacique comeu?
2	toseke tanansese yadedwa edoase?	O que ele viu que o menino comeu?
3	nanfiseke tanandoase utfi eikite?	Quem ele viu comer a carne?
4	nanfiseke tanandoase saakikiãe?	Quem ele viu que correu?
5	nanfiseka tanandoase eitfid3oa?	Quem ele viu que chegou? (quem ele viu vindo/chegando)
6	nanfisekehe tanansese datka otshajky koka?	(foi) A quem (que) ele viu que o cacique deu dinheiro?
7	datka otshajky kokase [yadedwa utfi ehos(e)] ke	O cacique deu dinheiro ao menino que comeu carne
8	iotska nankase somã eitfidjoae	Eu vi o homem que chegará (que chega/vem) amanhã
9	iyadedwa nankyase utfi klokonehoe	Eu vi o menino que vai cozinhar a carne
10	Eu achei o homem que fez o menino dormir	inankyase otska yadedwa kfafanehose
11	i nankyase tfay seti nãnesose ifekla ke	Eu vi a mulher que mostrou a casa ao ancião